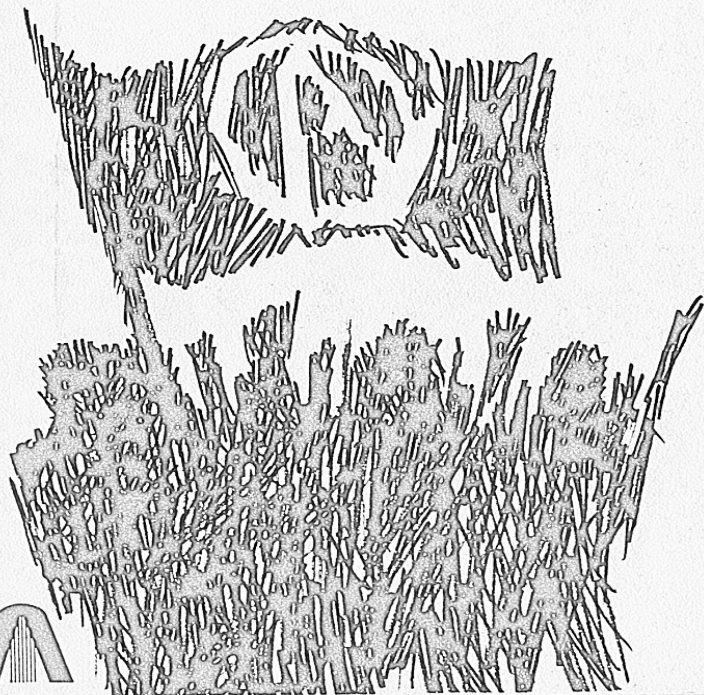


ABC do ANARQUISMO

EDGAR RODRIGUES



© Assírio & Alvim
Sociedade Editorial e Distribuidora, Lda.
R. Passos Manuel, 67-B — LISBOA-1
Telefs.: 56 27 43 - 55 55 80

e Edgar Rodrigues
Capa de Dorindo Carvalho

PRÉVIA EXPLICAÇÃO

Edgar Rodrigues para fugir a uma perseguição ou fim semelhante ao de seu pai que a PIDE assassinou, refugiou-se muito jovem no Brasil e aí vive e trabalha ao mesmo tempo que se cultiva. Simplesmente espantosa a sua capacidade de estudo e trabalho, circunstância que lhe dá o cariz singular de ser o escritor anarquista que em língua luso-brasileira mais tem escrito. O brasileirismo da sua obra é bem patente e ao leitor amigo lembramos que releve ao autor, e a quem mais intervenção teve no seu aparecimento, o facto que apontamos. Cremos que o valor da obra em nada fica afectado pois o seu conteúdo sobrepõe-se a todas as contingências que a rodearam.

Os Editores e eu, amigo e representante do autor, aqui deixamos as nossas desculpas e ao mesmo tempo sincero agradecimento.

CORREIA PIRES

ANARQUIA E ORDEM

O tempo passa, os sistemas renovam-se, a ciência avança a passos de gigante, a máquina substitui o homem parcialmente tornando-o um simples espectador ocioso. As distâncias desaparecem encurtadas pelo progresso mecânico da tecnologia, o poder e a rapidez da comunicação reduz o mundo a uma aldeia global e num abrir e fechar de olhos o indivíduo cruza os mares, rasga os céus e vence o «impossível»! O progresso tecnológico e científico corre a jacto tornando obsoleto hoje o trabalho de ontem.

Mas se é espantoso o esforço do homem no campo da ciência e da tecnologia rumo à Lua, temos de lamentá-lo no que se refere aos «progressos» no campo político, social, ideológico, filosófico e no terreno do pensamento humanitarista! A evolução neste sector deixa muito a desejar, progride aos saltos em direcções diversas, com avanços e recuos desordenados e não sai do ponto de partida.

Temos frente a frente muitos e grandes problemas a vencer neste sector do livre pensamento: gente embutada pelo medo; gente frustrada com dificuldade de andar sozinha e pensar com a sua cabeça; pessoas cegamente obedientes a «lidesranças» teledirigidas, condicionadas a interesses

outros que não são os seus, ignorando a origem e os objectos de tais palavras de ordem; indivíduos que se curvam às exigências do poder económico e político ditatorial de uns quantos esperotos e bem falantes «patriotas» sempre de acordo com os vitoriosos; e um punhado de idealistas, homens íntegros, lutando desesperadamente para esclarecer e alertar o maior número possível sem outras preocupações para além do medo de que os desatinados voltem a perder a **Liberdade**. Neste momento cada vez mais gente engana e confunde mais gente para se «defender» de gente que chega a se enganar a si própria, tal é o estado de irreabilidade em que vive num mundo de fantasia... Jogo de artifícios mentais alimentado por temores e ameaças surdas dum poder político mercantilista e bélico, rolo compressor que esmaga os princípios válidos possuídos pelo homem na mira de transformá-lo em autómato de acção repetitiva, em massa capaz de aplaudir todas as tolices pronunciadas pelo primeiro orador que encontre na esquina da rua. Nasce então um facto novo: o «verdade está» com quem grita primeiro, quem grita mais alto é que tem «razão» !!!

Houve tempo em que o progresso era lento e o homem tinha ocasião de pensar, raciocinar, reflectir e por fim falar. Hoje, tudo corre tão rapidamente, os interesses económicos e políticos são tantos e tão escusos, que falamos sem pensar, porque quem pensa não chega a falar!

Vivemos a era dos audaciosos. O homem parece concordar com Napoleão quando dizia que a melhor forma de defesa era o ataque. E assim procedem indistintamente. Dir-se-á que a humanidade está cavando a sua própria sepultura, permitindo que os excessos, as ambições, anulem os

princípios da verdadeira liberdade responsável, tão necessária à formação de personalidades íntegras como o ar que respiramos e a água. Ninguém parece ver nos seus semelhantes (descontadas honrosas excepções) seres humanos vivos, com necessidades múltiplas para formar caracteres exemplares, sensíveis, tolerantes, humanitaristas — personalidades libertárias capazes de saber dar, produzir conscientemente, sem ambições para além daquelas que possam servir a si, ao grupo, à colectividade de que faz parte. O partidário político tornou-se brutalizador, os governantes modernos apressam a conversão de povos racionais, pensantes, em números catalogados, fichados, codificados electronicamente por ordem alfabética. Por isso o mais «importante» material de consumo nos dias de hoje são os chavões, os «slogans», por não exigirem esforço de raciocínio. Ninguém mais parece querer estudar, pesquisar, saber a verdade.

Em discurso aos portuenses o Presidente da República advertiu que não admitiria «anarquia», referindo-se às greves e manifestações «populares» orientadas pelas esquerdas festivas. Maria de Olhão do **Jornal do Algarve** externa suas preocupações a propósito do mau uso da liberdade, concluindo: «A proceder assim depressa cairemos numa anarquia e não teremos apelo se as forças vierem a actuar». Com preocupações semelhantes, Homem Cristo (pai) fazia publicar em Madrid no ano de 1922 um livro intitulado **Anarquia em Portugal** e explicava o «desprezível» termo ao longo de 1.001 páginas, parte das quais em corpo 6, para concluir: «Donde veio a Anarquia? Veio, primeiramente, da desorganização social que se perpetuou desde a fundação da Monarquia. Depois da falta de educação e de cultura das grandes mas-

sas e de todos em geral, para poderem compreender o moderno sistema representativo».

Não menos severa com a **Anarquia** e o **Anarquismo** é a Pátria do Proletariado pela voz dos seus mais «preclaros» enciclopedistas quando definem: «Corrente político-social pequeno-burguesa e reaccionária, hostil ao socialismo científico proletário, a qual, sob pretexto de recusar todo poder estatal e toda luta política, subordina os interesses do proletariado aos interesses da burguesia e rejeita a ditadura revolucionária do proletariado». (São Lenine, na expressão de Máximo Gorki — in **Bolsciaia Sovietsknia Entiklopedia**, 2.^a edição, 1950, tomo 2.^o — pág. 356). Em palavras não menos contundentes afirmava o sucessor-herdeiro de Lenine: «O anarquismo como ideologia hostil ao marxismo é amplamente utilizada pela burguesia imperialista na sua luta contra o Comunismo, visando à desorganização nas fileiras do proletariado sob sua influência». (São Staline, na expressão do trotskista Julian Gorkin, in **Bolsciaia Sovietsknia Entiklopedia**, 4.^a edição, tomo XXV., pág. 76).

Menos sereno e algo «condescendente» apresenta-se um dos maiores teóricos do fascismo lusitano: «O anarquismo traduz a exaltação do individualismo na medida em que parte da crença na bondade natural do homem, a qual só seria pervertida pela opressão do homem pelo homem, consequente da apropriação por alguns dos bens da Natureza. Estado e Direito traduziriam este sistema opressivo. A supressão da propriedade aboliria a divisão em classes e tornaria inútil a coacção, bem como o aparelho que a organiza e aplica, que é o Estado. Na sociedade anárquica a única fonte do Direito seria o contrato livremente celebrado e a todo o tempo destrutível, desaparecendo todos os

compromissos ou vínculos permanentes ou indissolúveis: a única regra moral seria a liberdade.

Se tal sistema traduzia uma utopia já nas sociedades singelas do passado, muito mais utópico é relativamente às formas sociais complexas, de tipo industrial, de hoje em dia». (Do herdeiro de Salazar — Marcelo Caetano, in **Princípios e Definições**, Lisboa, 1969).

Com linguagem comum, direita esquerda e centro parecem ter sua jurisprudência firmada, unânime. **Anarquia** e **Anarquismo** é o mesmo que «desordem, caos, corrente pequeno-burguesa reaccionária e utopista». Há ainda quem veja **Anarquia** como uma «seita de fanáticos com punhais atravessados nos dentes e os bolsos cheios de bombas». Chega-se a ver mais perigo e maior preocupação na palavra **Anarquia** do que num ex-chefe da **Juventude Nazista** como Baldur Von Schirach, monstro a quem o Tribunal de Nurenberg acusara de «envenenador de uma geração e responsável pela deportação e morte de 50 mil judeus austríacos». A cada instante topamos com Baldures, com Mussolinis, Stalines, Salazares e Hitlers dispostos a desafiar os direitos humanos, a liberdade e a paz, contudo esses psicopatas não chegam a ser tão «desprezíveis» quanto os anarquistas.

Enquanto enciclopédias e homens «ilustres» nos ensinam ideias por meios tão curvos, **Pequeno Dicionário do Pensamento Social** conclui: «**Anarquia** — vocábulo formado por duas palavras gregas: **An**, que significa não, e **Arkê**, que significa autoridade. Não autoridade, não governo ou ausência de governo político». Melhor dito: É um estado de sociedade onde a liberdade responsável, a fé nos direitos e necessidades humanas, nos princípios da razão e da tolerância, ligam os homens

emocionalmente pelo coração e pelo amor fraterno. Sua meta mais importante é elevar o homem à condição de ser pensante, consciente, e unir a sociedade humana por meio do livre acordo, sempre dissolúvel, com vistas a um amanhã cada vez melhor para todos.

E como definem suas ideias os anarquistas, que contam entre os seus teóricos com algumas das maiores expressões do pensamento e da cultura mundiais?

Falar de anarquia no sentido correcto, segundo seus ideólogos, é o mesmo que falar da mais completa felicidade humana, da mais ampla liberdade, duma ideia que pretende substituir a propriedade privada pela colectiva, o Estado por uma ordem generosa e boa na qual possa existir um bem-estar individual e colectivo. Se há alguma coisa a censurar no anarquista, afirmam, só pode ser o seu optimismo, a confiança na bondade «ingénua» do homem.

O anarquista ampliando a ideia cristã, vê em cada homem um irmão, um seu igual, não um irmão inferior e faminto a quem pratica caridade, mas um cidadão a quem deve justiça, protecção e defesa. (Anarquia, Manuel Gonzalez Prada).

Anarquismo é um tesouro intelectual, emocional, ético, legado no curso dos séculos, elaborado por homens que se preocupam em analisar os problemas humanos e falar de sua solução. Em síntese o anarquismo enfeixa os seguintes princípios: 1.º — tendência suprema da natureza humana caminhando em busca dos mais amplos estágios da felicidade; 2.º — todos os seres humanos têm iguais direitos e deveres sobre a Terra;

3.º — a liberdade é um exercício imprescindivelmente necessário à natureza humana; 4.º — a espécie humana é sociável por natureza, sua evolução individual e colectiva processa-se com o exercício da fraternidade e da ajuda mútua; 5.º — as normas de convivência humana têm como base a orientação para grandes estágios de felicidade aspirados desde sempre pela humanidade. (Que és el Anarquismo?, de H. Plaja e B. Cano Ruiz).

José Oiticica, uma das maiores expressões da cultura brasileira, a quem muitos intitulam de sábio, define anarquia em 30 pontos principais, onde encontramos: 1.º — o território de cada país será dividido em zonas federadas, cada zona em municípios e cada município em comunas; 2.º — a divisão por zonas e municípios obedecerá ao critério do ecúmeno geográfico, isto é, à feição particular de cada uma, atinente ao género de indústria por explorar ou à distribuição das populações; 3.º — em cada comuna, os trabalhadores se reunirão em classes, conforme seus ofícios, manuais ou intelectuais; 4.º — cada classe resolverá, nas suas assembleias, tudo quanto se refira aos serviços comunais; 5.º — para coordenação e direcção dos serviços e execução das medidas tomadas nas assembleias, haverá conselhos comunais, municipais, federais e um internacional; 6.º — cada classe de uma comuna escolherá um delegado para o conselho comunal; cada conselho comunal, um delegado para o conselho municipal, cada conselho municipal, um delegado para o conselho federal e cada conselho federal, um para o conselho internacional. (Princípios, Fins e Meios, Dr. José Oiticica).

Anarquia, segundo outro brasileiro, tem por base a organização livre sem Estado; o livre acordo sem autoridade constituída; a liberdade sem coac-

ção institucional; a socialização dos bens sem propriedade privada; comunismo sem salariedade; apoio mútuo sem concorrência; federalismo sem centralismo; livre exame sem dogmatismo (**Anarquismo — Roteiro da Libertação Social**, Edgard Leuenroth).

De forma muito clara explica eminente escritor russo: «Anarquia é inevitavelmente o próximo e mais alto grau da evolução humana. Com o desaparecimento do Estado, os homens viverão socialmente reunidos, não sendo, todavia, esta sociedade baseada sobre um poder governamental mas, exclusivamente, sobre a obrigação de cumprir um contrato concluído livremente. O livre desenvolvimento dos indivíduos em grupos, dos grupos em associações, livre disposição do simples para o composto segundo as necessidades e as tendências, eis a forma da sociedade futura». (**Anarquia**, Pedro Kropotkin).

Já para o maior apóstolo cristão do século XIX, os homens que tiverem reconhecido a verdade devem convencer em nome do amor o maior número possível de indivíduos da necessidade da transformação social e fazer surgir assim a sociedade nova depois de abolido o direito privado, o Estado e a propriedade. O amor reclama que a propriedade desapareça para dar lugar à partilha dos bens, e exige que o Estado seja substituído por uma vida social baseada unicamente nas leis do amor. (Leão Tolstói). Na concepção anarquista, o homem completa-se exercitando os músculos e o cérebro. O trabalho não é um estigma da servidão em que o transformamos, mas a fonte do bem-estar social. O homem digno desta classificação é aquele que não coloca sobre os ombros dos outros a sua existência. Um homem vale outro, por isso a inteligên-

cia favorece o que a possui em maior escala, não lhe dá o direito de explorar ou governar os outros. (**Anarquia**, Jean Grave).

Ninguém se deslustra com ser anarquista — dizia no final do século passado em sua tese de doutoramento o ilustre Silva Mendes — são-nos algumas das maiores individualidades da actualidade: H. Spencer, Kropotkin, Eliseu Reclus, Tolstói, Ibsen, isto é, o maior sociólogo, o maior apóstolo da liberdade, o maior geógrafo, o maior cristão e o maior dramaturgo. (Prof. Silva Mendes).

A liberdade, a moral e a dignidade humana do homem consistem precisamente em fazer o bem, não porque lhe é ordenado mas porque o concebe, o quer e ama, isto é anarquia. (Miguel Bakunine). Uma sociedade perfeita — afirma conhecido evangelista — é aquela que rechaça todas as formas de propriedade privada. Este foi o primitivo bem-estar que o pecado de nossos primeiros pais destruíram. (São Basílio).

Para um dos maiores sociólogos modernos «Anarquia é a forma mais pura e genuína da vida». (Karl Mannheim). «A mais perfeita forma de sociedade encontra-se na união da ordem e da anarquia». (Proudhon); anarquia não é uma sociedade sem ordem, nem a ausência de governante significa necessariamente ausência de ordem!

Anarquia é um Mundo Novo onde sobressaem os valores da liberdade e da igualdade, acima da técnica e das nacionalidades. (Herbert Read).

Sem descer a uma pesquisa minuciosa já se pode concluir que a palavra **Anarquia**, usada a torto e a direito para explicar e justificar incapacidades políticas partidárias, falências económicas, administrativas, educacionais, de ensino, e culpar os anarquistas pelas manifestações públicas resultan-

tes de desníveis sociais e culturais mantidos a ferro e fogo através dos séculos, é de uma ingenuidade ímpar! Anarquia não é o mesmo que desordem e também não é o mesmo que homem-máquina para servir passivamente, cegamente, aos detectores de mentiras usados pelas autoridades estatais, electronicamente, invadindo os pensamentos íntimos, nem o anarquista é o «homem-ideal» para ser moldado mediante substâncias químicas capazes de produzir mutações genéticas e deixar-se transformar socialmente num assimilador de meios de comunicação massificadores, um engulidor de formas eficazes de sublimação de ordem genocida, um instrumento passivo às lavagens cerebrais. Tão pouco aceita a alienação, a automatização mecânica dos novos «líderes».

Ao contrário, **Anarquia** pretende ser uma ordem ecológica, desintoxicante de comunidades onde a vida humana se desenvolva harmoniosamente dentro da cultura, da solidariedade humana nascida do mais profundo ser individual. É uma «utopia» que deseja aliar a ciência, a mecânica e a electricidade responsáveis pelo progresso tecnológico para frutificar dignamente emancipando o escravo, a massa, o rebanho e em favor de uma liberdade colectiva. Quer o homem liberto de amarras subjectivas de temores imaginados pelo subconsciente,, da ignorância, com vista à realização de uma obra capaz de se situar na sua época e no seu tempo. **Anarquia** é uma ordem ecológica por excelência, onde a tecnologia não separará o homem da natureza, porque o anarquista tem como meta a igualdade social, cultural científica e a reintegração do indivíduo no mundo natural. As experiências terão um sentido novo de integração no desenvolvimento da colectividade ajudando a desa-

brochar todas as potencialidades humanas, de vez que o homem é o centro do Universo, o elemento mais importante a preservar, a desenvolver, é a continuação da vida.

E se há quem chame ao direito de reivindicar alguma melhoria ou manifestar seu descontentamento com os governantes, «desordem», «anarquia», o que teremos de chamar a quem, abusando de suas funções puramente administrativas, espanca, prende, deporta, fuzila e declara guerras onde se matam mutuamente milhões de jovens sem saber porquê?

Por certo, isto não é anarquia.

E se os desejos de igualdade, de amor fraterno, de paz social, de felicidade na Terra, que são dos anarquistas, é uma utopia, o que podemos pensar daqueles outros que acreditam na salvação das almas, na reincarnação dos espíritos e de que um dia chegarão ao Céu para ficarem sentados ao lado de S. Pedro?

Certamente, isto se chama utopia!

E. R.

A

ANARQUIA

Ao contrário das interpretações das autoridades e das definições dos dicionários, a palavra tem origem no grego: an, não; arkê, governo. Equivalente a ausência de governo constituído, não representa absolutamente desordem.

Com traços da filosofia grega e da filosofia chinesa, principalmente de Lao Tsé, vamos encontrá-la na prática como um prolongamento da ideia cristã de que os homens são todos irmãos.

Na Idade Média, «Adamista», seita herética popular da Boémia proclamava a abolição da propriedade individual e estabelecia a comunidade dos bens.

A seita religiosa «Amalricanos», também da Idade Média, não admitia nenhuma diferenciação de classes e de fortunas. Entendiam que o homem havia de ceder a todos os impulsos da natureza, devendo reinar entre todos a mais fraterna igualdade, partindo do princípio de que o homem era naturalmente bom, de que os ricos e poderosos da sociedade tinham usurpado o que os outros possuíam e que sendo essas fortunas divididas entre todos, todos teriam o suficiente para viver, satisfazendo as suas ilimitadas necessidades. A Na-

tureza e Deus, segundo eminentes religiosos, não conhecem nenhuma diferença social. As diferenças sociais foram criadas pela cobiça dos homens. Não é em virtude do Direito Divino — afirmam — mas em virtude do direito da guerra que um homem pode dizer: «esta casa é minha, este escravo me pertence». Todo aquele que possuir mais que o necessário para viver, deve dar aos demais o excedente e considerar-se devedor de uma quantia igual ao que deu. Ampliando e actualizando os conceitos dos cristãos, os anarquistas concluem: Anarquia viria fazer ainda em futuro remoto, a felicidade humana. No dia em que o homem compreender livre, espontânea e conscientemente, sem coacção e violência, que tem dentro de si o Caminho, a Verdade e a Vida, nesse dia, repetimos, teremos o império da Anarquia, que será o cume da evolução humana e social.

Na sua parte prática, Anarquia pretende emancipação do Produtor do jugo do Capital: produção em comum e consumo livre de todos os produtos do trabalho comum; emancipação do jugo Governamental: livre desenvolvimento dos indivíduos nos grupos e dos grupos nas federações; organização livre do simples ao composto segundo as suas necessidades e as tendências mútuas; emancipação da moral religiosa: moral livre, sem sanção nem obrigação, desenvolvendo-se da própria vida das sociedades e tornando-se um hábito.

Anarquia, é um estado de sociedade onde governa a razão, onde todos os seres humanos têm direito à vida e ao usufruto das riquezas naturais e do trabalho colectivo; onde não existe autoridade irracional constituída nem governantes de nenhuma espécie; é uma sociedade baseada fundamentalmente na liberdade total, completa; onde o

ser humano desenvolve todas as suas potencialidades e forma a verdadeira ideia de que todos somos irmãos, iguais; não reconhece o «meu» ou o «teu» mas o nosso; o homem é educado e formado livremente dentro dos princípios do Amor Fraterno e da Paz, sem ambições, ódios, ganâncias, mas dentro da igualdade. Para cada um segundo as suas necessidades e de cada um segundo as suas possibilidades.

ACRATA

Partidário da Acracia — Indivíduo defensor da filosofia que prega a ausência de governo. Palavra usada também como sinónimo de anarquista.

O Poeta Astru Astur em seu livro *Jardim de Acracia*, obra publicada no Chile antes de Pinochet e Allende, em colaboração com Solano Palácio, à página 99, «La Bondad del Anarquismo», define-a:

«Miles de capitalistas
Afirman que la anarquia
Es so una teoria
Própria de los terroristas.

Para ellos no tiene gracia
El que los hombres sinceros
Intellectuales y obreros
Sean defensores de Acracia.

Sus doctrinas han de dar
A las mujeres belleza
Y del odio y la pobreza
Los pueblos han de librar.»

ANARQUISMO

Doutrina dos anarquistas. — Nova ordem social baseada na liberdade, na qual a produção, o consumo e a educação devem satisfazer às necessidades de cada um e de todos. Os anarquistas propõem-se substituir a organização obrigatória pela organização voluntária, pelo livre acordo, espontaneamente firmado e eternamente dissolúvel, não ligando os homens senão pela comunidade de interesses e pela reciprocidade das consequências, afinidades e simpatias. O Anarquismo, filosofia humanista da liberdade, não aceita que o homem precise de ser governado, de cujo costume se tornou escravo, razão porque lhe parece irracional, utópico, uma verdadeira calamidade pública deixar de o ser.

O hábito de sofrer a autoridade dos governantes e seus sequazes, condicionou-o, deformou-o naquilo que ele tem de mais importante: razão, inteligência, desejo e fé em ser livre. Essa anomalia provocada pelo hábito chegou a tal ponto que a ausência da autoridade irracional (fazemos distinção entre autoridade racional e irracional) lhe parece ter em consequência a desordem, a violência e a confusão. O Anarquismo tem como ponto alto a solidariedade, o apoio mútuo. É profundamente humanitarista. Seus adeptos pregam a formação de comunidades de irmãos, de iguais, de Paz!

ANARQUISTA

Pessoa partidária da **Anarquia**. Cidadão contrário à desigualdade existente na sociedade humana. Propagandista de um mundo novo onde o

saber, o bem-estar, a beleza, a franqueza, a justiça e a fraternidade serão necessidades permanentes como a saúde do ser humano. O anarquista defende o livre acordo, a ajuda mútua, a coexistência pacífica, a Igualdade, o Amor Fraterno e a Paz. Para o anarquista a coisa mais importante é o ser humano, por isso advoga a liberdade integral como meio de dar ao homem o direito de desenvolver todas as suas capacidades e aptidões, sem temores, cerceamentos ou frustrações. Defende a auto-gestão e o ensino racional. Não admite diferenciação de raça, cor, idade, sexo, nacionalidade. Existe apenas um só homem: a Humanidade; uma só nação: o Universo. O anarquista, a quem se tem emprestado definições por demais contraditórias, na maioria dos casos descrito como «perigoso agitador», embora nunca tenha insuflado ou desencadeado guerra em que homens se matam mutuamente sem saber por quê, é contrário à Santa Inquisição que fez sacrificar milhares de inocentes queimados vivos, em nome de Deus; não tem o privilégio de estragar o alimento de que carecem muitos que morrem de fome... É mais exactamente um sentimental, um filósofo. Se emprega a violência, é sempre em carácter defensivo. Isto porque não aceita a autoridade irracional do homem para oprimir o homem; a exploração do ser humano pelo semelhante, a fortuna de uns à custa da miséria e do sacrifício de outros. Defende ardorosamente uma sociedade de iguais, de irmãos!

ACÇÃO DIRECTA

Quer dizer acção exercida pelos próprios operários, pelos interessados. É o trabalhador quem se

esforça por exercer pessoalmente sobre as forças que o dominam a pressão necessária para obter o que lhe é devido.

Pela **Ação Directa** o operário luta realmente, é ele quem dirige o conflito, decidido a não confiar a outrem a missão que só a ele compete resolver.

Acção directa, é a manifestação consciente da vontade operária; pode revestir-se de aspectos tolerantes e pacíficos ou vigorosos e violentos, isso dependendo das circunstâncias. Mas, tanto num como noutro caso, é uma acção revolucionária porque não se importa com a legalidade burguesa, e mesmo o seu objectivo é obter melhoramentos que produzam diminuição dos privilégios concedidos à burguesia.

ARBITRAGEM

Por arbitragem entende-se o consentimento das partes, a absoluta independência e imparcialidade dos árbitros, a existência de direitos primários reconhecidos de parte a parte — Grevistas e Patrões. É a mediação para um acordo entre duas forças em luta onde os direitos seriam respeitados igualmente numa tentativa de pôr fim a divergências de interesses entre o Capital e o Trabalho.

AGITAÇÃO

No conceito sindicalista, prólogo da batalha. A exercitação do indivíduo pela palavra falada e escrita; pela resistência enérgica e pelas acções decisivas contra todos os obstáculos impostos pelos opressores.

AMARELOS

Epíteto francês para designar os fura-greves. Jaunes (amarelos) foi usado em 1901, em Monteaup, por operários mineiros contra seus colegas que resolveram continuar o trabalho, abrindo-se nessa oportunidade uma cisão no seio da classe, com o nascimento do sindicato dos amarelos (jaunes) que não tardaria a aliar-se aos católicos e políticos, tomando o caminho do reformismo. Na Espanha os fura-greves eram conhecidos por «esquirols», em Portugal «fardetas» e amarelos e no Brasil por «krumiros» e amarelos.

AUTORITARISMO

Atitude, comportamento dos autoritários, termo empregado nos meios operários pela primeira vez no Congresso de Haia, em 1872 (Quarto Congresso Internacional dos Trabalhadores), promovido pela Associação Internacional dos Trabalhadores. Pela posição radical e intolerante assumida por Karl Marx foi-lhe atribuído o comando do socialismo autoritário, corrente que nesse congresso provocou cisão no seio da 1.ª A. I. T., ficando o grupo de que fazia parte Miguel Bakunine, James Guillaume e Eliseu Reclus com a denominação de socialistas libertários.

ALTRUISMO

Conjunto de inclinações emocionais, instinto de afeição, veneração e bondade.

O altruísmo faz parte da ética socialista libertária, é o oposto, o antónimo de egoísmo. Altruísta

é aquele que pensa em todos ; egoísta é aquele que só pensa em si mesmo.

Há quem se diga altruísta porque dá um pouco do muito que explorou, que tomou do esforço dos seus semelhantes. Mas isso não passa de um egoísmo refinado. É um tipo de comportamento que só acontece quase sempre entre as pessoas de meia idade. É uma espécie de medo do fim...

A verdadeira vida comporta graus de fecundidade para se ser realmente feliz. E essa fecundidade interior, essa exuberância chega a impor a muitos a necessidade de se dar parcial ou totalmente a alguém, grupo ou sociedade. Para H. Spencer «chegará o dia em que o instinto altruísta será tão potente que os homens disputarão a oportunidade de sacrificar-se até à morte se for necessário.»

O verdadeiro altruísta é sem dúvida todo aquele que luta pela sua felicidade preocupado eternamente com a felicidade de todos !

AMOR LIVRE

Na linguagem diária o amor tem as mais controversas definições. Há até quem se dê à prática de vícios sádicos e quem se prostitua em nome dele.

Para alguns psicólogos, o amor é uma atitude emotiva do estado afectivo e mental que aproxima e realiza duas pessoas de sexos diferentes.

Os homens de ideias, mais exactamente os anarquistas vêem no Amor Livre duas forças que agem sobre a Humanidade para a conservar e a fazer avançar : a força afectiva e a força intelectual. Sobre elas actuam principalmente a alimentação e o Amor.

Mas tanto o alimento como o amor escasseiam e faltam a uns e sobram a outros, na sociedade actual. Um e outro são escravos do sistema económico vigente !

Entretanto, o homem e a mulher são dois seres equivalentes e por isso têm direito de dispor, a seu gosto, de suas pessoas.

As necessidades fisiológicas e psicológicas do amor escapam às regulamentações materiais, porque têm em si a sua própria razão de ser, a sua natureza incapaz de modificar-se por meio de códigos, de leis, de preconceitos sociais.

Mas a plena liberdade sexual indispensável ao indivíduo e à espécie não é tudo. Amor também, e o carinho da mãe, o abraço fraterno do amigo. O Amor é também uma afinidade física e uma afinidade ética ! Sem amor o homem se destrói !

Segundo Ben-Karius «amar é dar afecto que são partículas do nosso próprio ser. Por isso o amor é um laço que nos une pelo carinho aos demais seres. E que amar seja o aspecto mais positivo do viver, mais formosamente humano em nossas vidas.» E conclui :

«Por ello es que
Amar todo lo bello,
Amar todo lo justo
Y amar todo lo bueno
Es vivir de la forma mas plena.»

ARMA

Arma é um instrumento da violência, da brutalidade, da vingança, da repressão e do crime !

Serve a quem defende e a quem ataca instintivamente! Ao assassino, ao terrorista e ao liberal! É usada pelos que mandam e pelos que são mandados, pela violência de cima e pela violência de baixo!

É acariciada pelo operário que a fabrica e lhe dá os últimos polimentos e pelo criminoso que a emprega! Mata o homem de bem, o próprio operário que a faz e o soldado que a empunha profissionalmente, o policial que dela se vale para manter a «ordem» e fuzilar seus desafectos!

Não tem pátria, nacionalidade, partido. Mata na China, em Portugal, na Rússia, na Espanha, na Argentina, no Uruguai, no Chile, no Congo, no Vietname e no Uganda. Usam-na o bolchevista, fascista, socialista, nazista, republicano, monárquico, o ditador e o democrata, os políticos da direita, da esquerda e do centro, os sem partido, os pretos, brancos, vermelhos, amarelos, velhos e jovens, policiais e bandidos, terroristas ao serviço da lei e os fora dela, os homens bons e os ruins!

A arma serve melhor e dá mais vantagem a quem a empunhar primeiro!

Para manejá-la, homens estudam nas academias especializadas, de onde saem para exercitar e instruir milhões de jovens que consomem bilhões em dinheiro e ocupam imóveis e indústrias para se municiar, calçar, vestir e alimentar! É toda uma imensa legião vivendo em função das armas!

Mas a arma é também uma indústria e um comércio rendoso, lucrativo, próspero, que se propaga e alastra na face da terra!

A arma troca-se, compra-se e vende-se para defender interesses particulares, burgueses, nações, para invadir, conquistar, assaltar e matar!

Serve para «fortalecer» o fraco, dá força ao covarde, ao delinquente de cima e ao de baixo, em potencial ou revelado!

Amesquinha o vencido, dá razão ao imprestável, enche de empáfia o «vitorioso», serve para derubar governos e fazê-los subir ao poder. Faz surgir e sustenta ditadores, muda os regimes da esquerda para a direita e da direita para a esquerda!

Há quem se sinta fortalecido empunhando uma arma, quem se imponha pelas armas, quem domine povos e nações pelas armas!

Quanto mais armas existem, mais se fabricam; quanto mais gente as compra, mais gente «sente» necessidade de se armar!

Os impérios são mais fortes quando têm seus depósitos abarrotados de armas prontas a serem accionadas para matar, defendendo ou atacando!

As nações, aos olhos dos políticos e do povo em geral, são importantes, não pelas boas acções que praticam, pelo bem-estar social que proporcionam às suas populações, pelo nível de vida, pelo poder aquisitivo e cultural do proletariado, do homem trabalhador, mas pelo fabuloso número de armas que possui em stock!!!

Não raro se ouvem discursos em nome e sob os efeitos da «razão» e do «direito» das armas!

Guerras são preparadas, estudadas, planeadas, desencadeadas para experimentar armas, para incentivar a indústria bélica!

Fortunas colossais nasceram por obra e graça do fabrico de armas, da exploração de aços especiais, de minério com forte poder explosivo, e grandes trusts resplandeceram numa aliança inquebrável para tornar possível as grandes guerras, sem as quais as armas enferrujariam, tornar-se-iam obsoletas, peças de museu, e os seus fabricantes

teriam de se voltar para negócios menos rendosos.

Hoje mais do que ontem e amanhã mais do que hoje, cresce assustadoramente o número de armas, a sua stocagem e, como colorário, aumenta o poder bélico das nações, o número de soldados e policiais, o potencial dos exércitos, o número de fabricantes, os lucros com produções inúteis e o perigo de vida da humanidade!

Sem uma guerrazinha, para quê comprar armas?

Por isso propaga-se a guerra fria, a espionagem e o boateiro lança dúvidas, semeia a discórdia, para que possa prosperar o lucrativo comércio de armas e cada vez mais governo e povo compram mais armas com medo da gente e dos governos que comprem mais armas!

Descrever a arma em toda a sua frieza e insensibilidade é muito difícil. Determinar-lhe o grau de periculosidade é quase impossível, tal o mecanismo que envolve o seu estudo, projecção, aperfeiçoamento, fabrico e emprego.

A arma é fruto da imaginação do homem, que desenha, elabora, artística e mecanicamente, compra e vende, maneja e acciona para se defender dos que também usam armas para atacar, para matar, para garantir direitos humanos sobre a terra, contra os que, empunhando armas, procuram negá-lo!

Pode-se explicar a arma como um instrumento de múltiplas utilidades, estudada e aperfeiçoada pela mente do homem para praticar o mal, cujo valor é tanto maior quanto mais gente mata!

Seu sucesso, sua importância criminosa, assassina, é proveniente da arte, da perícia e capacidade do seu inventor e construtor. O seu preço e procura, utilidade e emprego, estão sempre ligados à rapidez com que mata, a grande e curta distância,

na justa dimensão da superioridade que dá aos seus maneijadores, do seu automatismo e número de mortes que faz em segundos!

Já nasce com ajuda da mente humana predeterminada para praticar desgraças, para produzir deramamento de sangue, para ceifar vidas inocentes, produzir inválidos, mutilados, destruir lares, semear a miséria, lançar o pavor, a loucura, o incêndio e a destruição!

Vale pelo que mata!

Arma «boa» procurada, disputada, importante, capaz de grandes demandas no presente e no futuro, mede-se pelo seu automatismo, pelos estragos que produz, pela gente que pode matar!

Quanto maior for o seu alcance, poder e acção, rapidez, número de disparos por segundo, maior é o seu valor, sua procura, sua venda, seu lucro, a fama dos inventores e fabricantes, maior é o perigo que corre quem a faz e maneja, maior é a insegurança da humanidade!

O mal é fruto da imaginação do homem, do seu temperamento, estado emocional, psíquico, de suas potencialidades delinquentes, de sua mente doentia, e a arma é um dos instrumentos das suas milhares de imaginações malélicas, cada uma mais criminosa que a outra!

Para se acabar com as armas, teremos de curar o homem, tirá-lo do mundo dos temores; destruir-lhe a fantasia imaginária em que vive; arrancar-lhe os impulsos delinquentes que possui e torná-lo bom para si, para os seus, para o grupo, para a colectividade!

Só um homem NOVO, de fé, doutrinado pelos princípios humanitários de igualdade política e social, baseados no AMOR fraterno, poderá prescindir

dir da arma, fazê-la recolher aos museus de antiguidades!

Enquanto isso não acontecer, só merece esta definição: Arma — instrumento da imaginação doentia e delinquente do Homem!

AUTORIDADE

«AUTORIDADE» tem múltiplas definições...

A maioria das pessoas define-a como sendo o desempenho de um cargo de mando.

Para os homens de empresa, «autoridade» é impor submissão aos seus empregados. É resultante da «autoridade» a aceitação silenciosa dos operários às ordens dos mestres e estes, por sua vez, do mesmo modo obedecerem aos seus superiores hierárquicos, ainda que tais determinações sejam injustas, brutais, anti-humanas.

Para o homem em geral, «autoridade» é aquilo que cada um de per si pensa que é ou deseja ser aos olhos dos seus semelhantes. Existem personalidades que se caracterizam pela ânsia de serem obedecidas sem discussão; que sentem prazer em dispor de subordinados, os quais não discordem das suas determinações. Para estes, isto é «autoridade»!

Para outros, «autoridade» é o superior a que se tem a obrigação de obedecer servilmente; e quem lhe obedece, fazer-se obedecer pelos que lhe ficam abaixo na escala hierárquica, nutrindo regidez e intolerância acompanhadas de certo cinismo para com eles.

«Autoridade» é, para a maioria dos pais, exercer domínio sobre os filhos e ser sempre obedecidos por eles, em razão de acharem que os mais novos devem obedecer sempre aos mais velhos...

Todavia, os maiores apologistas da «AUTORIDADE» são os ditadores! Para fazer valer «sua autoridade» mandam manipular leis, julgam e condenam quem lhes opõe qualquer tipo de resistência. Declaram guerras e mandam para os campos de batalha a juventude matar e morrer!

É um tipo de autoridade irracional, que tem raízes na sua própria mente doentia. O ditador, antes de ser uma autoridade irracional, é um doente. Na maioria das hipóteses, um delinquente em potencial; e, na maioria dos casos, um frustrado a caminho da psicopatia revelada.

Depois desses tipos esquisitos de «autoridade» saída das leis, dos interesses pessoais, da vontade de mando, da prepotência chauvinista e do incondito egoísmo do homem, encontramos a AUTORIDADE do conhecimento, fruto do maior saber da razão e da inteligência equilibrada, de onde se emana a bondade, a tolerância, o AMOR FRATERNAL, no contorno racional da Solidariedade Humana.

É a AUTORIDADE RACIONAL!

B

BOLCHEVISMO

Este termo nasceu no seio do Partido Social Democrático russo, quando do 2.º Congresso iniciado em Bruxelas no mês de Agosto de 1903, terminado em Londres por ter sido interrompido pela polícia na Bélgica.

O grupo russo denominado ISKRA sofreu uma cisão. A maioria sustentada por Lenine e Plekhanov optava por um estatuto «com poderes centralizados», ditatoriais, e ganhou então a denominação de bolchevista, derivado da palavra russa *bol'shinstvo*. O grupo minoritário liderado por Martov, Potresov, Axelrod e Trotsky, de opinião mais aberta, mais liberal, aceitava todos os credos e ideias políticas. Seus defensores ganharam então a denominação de menchevistas, da palavra *men'shinstvo*. Há muito quem empregue bolchevismo como sinónimo de Comunismo, ao que muitos discípulos de Karl Marx chamariam de «corruptores da ideia do Mestre». Em resumo, bolchevismo é uma ideia política de poder máximo, e liberdade mínima, centralizado, em que se projecta no indivíduo a insignificância de sua personalidade humana, permitindo o nascimento da figura dos líderes do Estado. Todo Poderoso ao qual todos têm de se submeter. Ideia que transfere o homem da liberdade individual e colectiva para a idolatria dos chefes, da condição de ser pensante para a posição de massa que se curva à «sabedoria dos modernos mandarins».

BENEFICENTE

Entidade cooperativista de socorro, sem o espírito altruísta do mutualismo. Seus objectivos são limitadíssimos, perdem-se nas pequenas ajudas materiais. É um pequeno corpo sem ideias, sem vida...

BOICOTAGEM

A palavra teve origem na Irlanda. Lord Erne tinha como director dos seus extensos domínios

no Condado de Maio, o capitão Boycott que se tornara antipático pelas suas medidas de rigor contra os camponeses. A severidade do capitão Boycott indignou de tal forma os camponeses, que não encontrou um só homem para trabalhar na colheita de 1879. Esta situação levou o Governo a mandar operários protegidos por soldados... mas era tarde demais: as colheitas tinham apodrecido no campo. Boycott, vencido, arruinado, refugiou-se na América, onde morreu.

A acção de repúdio, de desprezo começada contra Boycott, continuou na Irlanda, tomando o nome de «boycottagem». Dali passou à Inglaterra e estendeu-se rapidamente a toda a Europa. Ao Brasil chega com os emigrantes e logo ganha importância considerável. Foi uma arma significativa para o proletariado em certas reivindicações, proporcionando algumas vitórias.

C

COMUNISMO

Variedade de socialismo, sistema de sociedade na qual os meios de produção e de consumo, isto é, todas as coisas apropriáveis pelo homem são de posse comum. O comunismo distribui a cada um segundo as suas necessidades.

Comunismo é uma doutrina de equilíbrio, de bom senso, de igualdade social e política, de Paz, de Liberdade e de Amor Fraternal! Esta definição

não serve, evidentemente, para o chamado por muitos de «comunismo» russo, chinês, cubano, onde a ditadura sobre o proletariado está sendo testada, experimentada há 57 anos...

COLECTIVISMO

Ordem política para a qual o indivíduo representa apenas a célula social. A vida, os bens individuais e a família, frente ao Estado, nada valem.

O termo colectivismo foi muito usado por Karl Marx para se distinguir do «Comunismo Utópico» dos socialistas franceses de meados do século XIX, mais tarde apagado pela definição bolchevista.

COLECTIVISTA

Modernamente sinónimo de bolchevista, é um ser reduzido à insignificância de números, obediente, seguidor incondicional dos chefes.

COMUNALISTA

Pessoa partidária da autonomia das **Comunas**.

COMUNAS

As Comunas, na Idade Média, eram as povoações emancipadas dos Feudos, que passavam a viver independentes com o povo formando seus conselhos administrativos. As Comunas destacaram-se das demais formas políticas conhecidas, pelo seu auto-governo, pelo repúdio às imposições de todas as espécies, ao domínio do forte sobre o fraco. O sistema de vida comunitário era de igualdade total no plano económico dos Comuneiros,

discutidas e aprovadas em praça pública com a participação de todos. Há mais de uma dezena de séculos atrás, já era considerada «ideia subversiva» pelos senhores feudais de então.

Não aceitavam o domínio de uns poucos sobre muitos. As Comunas tinham como escopo a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Em 1717 e 1723, no Paraguai e em Nova Granada, surgiram «Comuneiros» que abriram luta contra o colonialismo de então pelo «património de todos».

Com a guerra Franco-Prussiana, o povo francês levanta-se em armas e implanta a Comuna de Paris em 1871 sob a égide das ideias socialistas, esmagada 40 dias depois pelas forças reaccionárias de Thiers, em cujas lutas 20 000 pessoas perderam a vida e outras tantas foram deportadas para a Caledônia.

Há quem erroneamente ligue o movimento da Comuna de Paris às ideias de Marx-Engels. Tolice!

Na Europa os presos sociais também adoptavam a Comuna como elemento libertário de arrecadação e distribuição de dinheiro, comida e mesmo frutos da imprensa que chegavam aos presídios. Tudo entrava direito para as mãos de um «Caixa» indicado em reunião de cela e este fazia a distribuição equitativa por todos. Cada cela tinha a sua Comuna. Em alguns casos havia até uma Federação de Comunas que fazia a ligação das celas.

CENTROS DE CULTURA

Denominação de associação fundada por anarquistas, com fins de semear a cultura ideológica. Agrupação por afinidade de ideias, livremente orien-

tada, tem como actividade principal a difusão da cultura geral, baseada no raciocínio livre, nas experiências científicas, sociológicas. Seu fim é o de subtrair o homem da condição de instrumento dirigido, condicionado económica, moral e psiquicamente, dar-lhe condições de um ser pensante com liberdade de ser livre. Sua meta mais importante é a divulgação da cultura social com vistas a alargar os limites da mente humana, mais difíceis de transpor do que as fronteiras geográficas, políticas e económicas. Visa libertar o homem e dar-lhe condições de ser livre numa terra livre.

D

DITADURA DO PROLETARIADO

Sistema de governo imposto na Rússia após o golpe de Estado de Outubro de 1917, vibrado pelo partido bolchevique sob o comando de Lenine, ao derrubar o governo liberal de coligação dirigido por Kerensky. — Segundo os «revolucionários» Trotsky, Bukharine, Di Kretinsky, Radek, Lenine e tantos outros, seria um regime de transição, «uma ditadura dos pobres» no caminho do Comunismo.

Lenine declarou: «Nós, comissários do povo, nós, Governo Comunista, nós devemos acabar por desaparecer, cedendo o lugar a Nós, conselho económico, porque, desde que esteja assegurada a existência da sociedade comunista, não haverá mais necessidade de poder político. O que nos separa dos anarquistas — de Proudhon, de Bakunine, de Kropotkine — é que nós, comunistas, não tomamos

a ausência do governo político como ponto de partida, mas como ponto de chegada». (in *Movimento Comunista*, Março 1922).

Com os mesmos pretextos das ditaduras burguesas, ainda que com fins diferentes, segundo nos garantiam, a realidade mostra-nos que decorridos 57 anos, a Rússia está mais longe do Comunismo do que no terceiro ano da queda de Kerensky.

Seguindo a trilha dos regimes de Hitler, Mussolini, Franco e Salazar, a Rússia fundou e matém campos de concentração, destacando-se o de Karanga, manicómios, inventou e desenvolveu as lavagens cerebrais, passou pelas armas milhões de operários, camponeses e até figuras de maior responsabilidade na implantação da ditadura, como: Bukharine, Rykov, Kolnikov, Rakovsky, Rengoltz, Chernov, Ivanov, Grinko, Bubnov, Lyubmov, Rukhimovich, Orlov etc., etc. Desencadeou e perseguição racial aos judeus e negros, invadiu a Finlândia, Lituânia, Estónia, Letónia, Hungria, Tchecoslováquia, construiu o famoso MURO DE BERLIM e organizou a famigerada polícia política Tcheca, mais tarde G. P. U. e depois N. K. V. D. para prender e torturar brutalmente todos aqueles que comessem delitos de opinião.

A «ditadura dos pobres» transformou-se numa **Ditadura sobre o Proletariado!** É hoje uma ditadura de um Estado rico, todo poderoso, dirigida por uma elite de burocratas ricos!

DITADOR

Pessoa autoritária, que exerce sozinha todos os poderes do Estado. Eis uma definição apressada para designar certos tipos de governantes violentos, brutais, autoritários!

Mas o ditador não é apenas uma figura autoritária, brutal, que governa e age violentamente sobre um povo, por si só.

Sabe-se que existem ditadores directos e indirectos. Estes últimos são sujeitos que se prestam, por serem mediocres, a ser «TESTA DE FERRO», que servem de pano negro de fundo, atrás do qual uma quadrilha de criminosos revelados e assassinos profissionais agem e se realizam psiquicamente sem serem punidos.

As ditaduras têm-nos mostrado uma considerável variedade de ditadores de rasgos de comportamento que se destacam por enormes altos e baixos, sem excluir o ponto comum a todos eles: tratar-se de personalidades portadoras de enfermidades psíquicas.

Exibindo os mais variados pretextos verbais, o ditador procura ocultar os seus interesses subjectivos, sempre essencialmente oriundos do seu desordenado psiquismo. Pois sendo, antes de tudo, uma personalidade egocêntrica, em geral introvertida, é por vezes ciclotímica, sádica, apresentando todas as características do frustrado carregado de complexos, que em vez de procurar tratamento para seus mórbidos sentimentos de egoísmo, seus desequilibrados impulsos de ódio e delinquência em potencial, busca resoluções de extravasamento emocional como carcereiro, policial, chefe de alguma coisa, desde que se possa esconder atrás das cortinas protectoras do Estado!

O ditador é sempre um homem de carácter deformado. Sua frustração é a força que o impulsiona até alcançar o poder para se realizar, lançando sobre as cabeças dos seus governados tudo aquilo de que pensa ter sido vítima.

Pode estar um ditador entre homens liberais ou reaccionários; no seio da Igreja ou nos locais de trabalho; pode ele estar dentro de um trabalhador manual ou intelectual!

É um sujeito que projecta os seus defeitos, os seus erros nos outros indivíduos; que vê muitos inimigos a pretender tomar-lhe o lugar, a querer humilhá-lo, diminuí-lo. E encontra sempre razões para justificar seu estado emocional. E para encobrir suas perturbações cerebrais, procura «culpados» sobre quem possa jogar as suas frustrações, a responsabilidade dos seus erros, porque um ditador não erra!!!

E a verdade é que ele não consegue ver os seus erros.

Entre os diversos tipos de ditadores temos: narcisistas histéricos e temperamentais como Hitler; recalcados e vingativos como Lenine; fanfarrões extrovertidos como Mussolini; ambivalentes como Staline, onde se chocam os traços de uma vida de pobreza em confronto com a secreta masturbação no misterioso ensino de seminário; carentes de apoio materno como Peron, que não conseguia governar sem a sombra da mulher; tímidos e introvertidos sacristães como Salazar; ou matadores profissionais como Franco. Mas todos com um ponto em comum: doentes psíquicos na busca de cura em lugar errado!

Modernamente, já há quem afirme em definição mais ampla, ser o ditador sinónimo de pessoa portadora de grande potencialidade delinquente.

DINHEIRO

Proclama-se aos quatro ventos que o dinheiro é a mola mestra do mundo! Que por dinheiro o ho-

mem remove montanhas; movimenta exércitos; agita políticos; engana crianças; vicia jovens; corrompe adultos; e esfomeia milhões de criaturas humanas!

Por dinheiro os padres cantam missas, fazem sermões e encomendam nossas almas a Deus...

Muita gente, quase a totalidade da população do mundo, vive em função do dinheiro.

Milhão, és Reil — afirmava o poeta Guerra Junqueiro.

Por dinheiro o homem trabalha, explora cinicamente seu semelhante, friamente, calculadamente!

Por dinheiro o chefe demite, pune, castiga seu subordinado; mas por dinheiro também o chefe é demitido!...

Firmam-se contratos, lavram-se escrituras, paga-se a posse de terra que a natureza nos deu indiscriminadamente... Mas, com dinheiro! Só com dinheiro!

O homem aluga o braço, a pena, a inteligência, a capacidade com dinheiro. E vende por dinheiro a consciência, a dignidade, o carácter!

Com dinheiro gente gratifica gente, transforma o erro em razão, o irregular em correcto, a austeridade austera em benevolente.

O chefe? — Bom sujeito! Flexível... — responde o dinheiro.

Por dinheiro o homem deixa-se corromper, por dinheiro o homem corrompe. É tudo uma questão de preço!!!

Por dinheiro e para defendê-lo, escrevem-se códigos, aprovam-se leis. Por dinheiro as leis são rígidas, inflexíveis; por dinheiro tornam-se dúcteis, maleáveis, reversíveis!

O dinheiro move mil e uma interpretações acerca de bens materiais. Tudo depende de quem

paga e quanto paga... Tem razão quem primeiro «benze» a mão do encarregado de manter a ordem.

Advogados acusam e advogados defendem com a mesma ênfase o ladrão, o falsário, o criminoso... humilde ou de cartola! O crime do réu ou as razões da vítima oscilam de conformidade com o que podem pagar a quem os defende e a quem os acusa. Cada caso e cada pessoa tem o seu preço.

Por dinheiro o trabalhador constrói cárceres para sofrer dentro deles; edifica palácios e habita pocilgas; fabrica automóveis e anda a pé; imprime as próprias leis que lhe cerceiam a liberdade e o condenam; manipula o pão e seus filhos passam fome!

O mesmo dinheiro que leva o ladrão a roubar, arma a mão do criminoso, também arma a mão e paga ao policial, paga ao promotor que acusa, ao advogado que defende, ao juiz que condena, ao carcereiro que vigia o réu, ao carrasco que o executa friamente em nome da lei, ao coveiro que o enterra!

O dinheiro garante a cada um de nós o direito à vida... Guardas defendem-nos e guardas obrigam-nos a defender-nos sob o imperativo do dinheiro.

Essa força de poder estranho com ares de divindade é impressa pela mão do homem. E para isso milhões de pessoas extraem matérias primas, fazem papel, preparam tintas, movimentam máquinas de engenhosas engrenagens e imprimem, fazem nascer o deus com que se lhes paga todo esse trabalho, bem ou mal, assim como a quem o manuseia, confere, conta, empacota, regista, contabiliza, protege, fecha a sete chaves e ainda o vigia!

Sua validade é garantida por estatutos, regulamentos, leis, tudo elaborado graças ao seu poder. Ei-lo, pagando por si próprio a todos os colaboradores dessa complicadíssima roleta.

Cofres cheios e mãos vazias. Banqueiros enriquecem. Funcionários tornam-se autômatos. Elementos mecânicos. Escravos dos números. Neuróticos pobres...

O dinheiro alimenta vaidades, o luxo, a empáfia dos ricos e sustenta a miséria dos pobres!

Quando arma a mão do criminoso, do policial e do soldado, satisfaz a ambição do primeiro, é salário do segundo e soldo do último.

O dinheiro faz-se presente para atacar, defender, invadir, destruir, incendiar e matar! Sustenta as guerras, é a própria guerra!

O homem dentro da actual sociedade vale pelo dinheiro que tem ou que aparenta ter...

Nascido da imaginação de uns poucos comerciantes em épocas remotas para facilitar a troca de produtos, converteu-se na esfinge dos poderosos, dos mandantes; nas espingardas e metralhadoras dos militares subalternos; nos canhões, nas espadas dos oficiais; na bomba atômica dos Governos; nos campos de concentração, nos manicômios dos ditadores! E é o mesmo pagamento dos presidentes, do Papa, pescador, mineiro, do varredor de ruas.

Aluga o braço do lixeiro, do carregador, do carroceiro, compra os serviços do motorista, o cérebro do professor, o bisturi do médico. Assim, compra e vende a sabedoria do cientista, do matemático, do químico, do economista, a honestidade do fiscal, a solicitude do funcionário, a boa vontade do servidor, a subserviência do empregado de mesa. Paga ao burocrata!

Movimenta legiões de gente para construir igrejas e esculpir imagens de santos, a fim de que, pelo mesmo dinheiro, possam os padres pregar sermões, cantar ladaíñas, dizer missas, fazer casamentos, baptizar recém-nascidos, crianças, adultos e velhos, perdoar monstruosos pecados e assegurar no céu um lugar aos fiéis. (Veja-se a tabela do Papa João XII.) Bispos celebram festas religiosas vestidos de púrpura e o Papa fala aos fiéis coberto de pedras preciosas! É o dinheiro que promove tal contraste, face à modéstia e a pobreza do Cristo!

Com dinheiro e por dinheiro o homem encurta distâncias, vence a adversidade dos mares, a fúria dos ventos, cruza os céus rumo ao desconhecido.

O dinheiro faz o homem pedir, exigir, obedecer, impor, ser castigado, castigar, ser punido, punir, ser expulso e expulsar. Repudiar e ser repudiado!

O dinheiro impõe respeito, causa inveja, dá segurança, infunde medo, exalta a arrogância, traz o desânimo. Faz chorar o palhaço e rir o faminto, intimida o dependente, humilha o subalterno, exalta o chefe e estimula o líder!

Instrumento de múltiplas faces, movimenta gerações, separa irmãos de sangue e distancia povos irmãos. Provoca desmandos, traições, aumenta a avareza, cria litígios jurídicos, diplomáticos, mercantis, bélicos, estabelece opressores e oprimidos, institui o espião e o carrasco! Faz correr rios de sangue!

Por dinheiro o homem torna-se brutal, violento, agressivo, invejoso, ganancioso, expoliador, conquistador, anti-humano.

A condição que mais dignifica o homem está esvaindo-se diante dos interesses criados pelo dinheiro. A Humanidade por causa do dinheiro desu-

manizou-se. Ninguém mais faz nada por nada; ninguém ajuda ninguém sem visar vantagens, lucros, benefícios a longo ou curto prazo, isto é, dinheiro! Móbil da discórdia entre famílias, entre patrões e empregados, causa da existência das classes, instrumento das guerras, do ódio, origem das supremacias profissionais, raciais, sustentáculo das nacionalidades, do patriotismo, é o dinheiro elemento promotor da desunião dos povos!

Que instrumento vill! Deve desaparecer da face da terra, para que o homem volte ao trabalho associado, livre, responsável, e se torne cada homem um amigo da Humanidade, a comunidade das nações uma grande família de irmãos convictos!

Dinheiro! monstro capaz de dividir os homens, torná-los inimigos irreconciliáveis, teu valor simbólico é a maior desgraça da Humanidade!

E

ESTADO

Do ponto de vista libertário, representa o conjunto das negações das liberdades individuais de todos os seus membros obrigados a renunciar à sublime prerrogativa para que ele mesmo viva.

O Estado é a negação da humanidade livre, da Solidariedade Universal! Máquina poderosa que nos países burgueses e «proletários» é tanto mais inútil quanto maior for a sua força, o seu poder.

Onde começa a sua acção, termina a liberdade do Homem!

Eis o Estado!

ESCOLAS SINDICAIS E ESCOLAS DE MILITANTES

Os trabalhadores tomando consciência do condicionamento do ensino estatal, da frustração da máquina inibidora que eram as escolas oficiais, passaram a fundar escolas no seio de suas entidades de classe.

No Congresso das Bolsas de Trabalho em Paris, em Setembro de 1900, e no Congresso Anarquista de Amsterdão, em 1907, um dos temas mais apaixonantes foi a «concepção monopolista do ensino oficial» em confronto com as necessidades de um ensino livre, capaz de permitir ao indivíduo o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, que lhe possibilitasse perceber a verdade científica, histórica e social.

Karl Marx, por essa época disse: «Há uma coisa que é preciso rejeitar inteiramente, é a educação do povo pelo Estado.»

Em prosseguimento das resoluções tomadas em congressos operários e anarquistas, o proletariado fundou e desenvolveu escolas de artes e ofícios, de alfabetização e ensino secundário, em moldes totalmente livres. Distinguiam-se das demais escolas de alfabetização e ensino, não só pelos métodos revolucionários, mas, principalmente, pelos seus cursos, conferências sociológicas, de preparação de militantes, treinamento para dialogar, debater temas e falar em público, nos comícios e conferências.

Disto resultou que os operários sindicalistas e anarquistas eram sempre os mais cultos, os melhores artistas e mais competentes profissionais.

A EDUCAÇÃO SOCIAL

Conceito com que o proletariado pretendia opor-se terminantemente ao qualificativo da «educação moral e cívica», de que o bom cidadão deve aprovar, respeitar, amar o regime político sob o qual vive, e que é imoral, criminoso criticá-lo, exigir-lhe modificações ou lutar para a sua destruição.

Em princípio, «a educação social» pregada e defendida pelo trabalhador com ideias de emancipação, libertárias, visava desmistificar o homem que em criança aprendera a amar uma pátria de pobres e ricos e de que por ela se deve matar e morrer. Que o capital é trabalho acumulado por quem mais trabalhou, quando «o serviço dos ricos era pouco mais do que guardar o produto do trabalho dos pobres».

A ESCOLA MODERNA

A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos dificultem a emancipação total do indivíduo e para isso adopta o racionalismo humanitário, que consiste em inculcar à infância o afã de conhecer a origem de todas as injustiças sociais, para que, com o seu conhecimento, possa combatê-las, opor-se a elas. O racionalismo humanitário combate as guerras, a exploração do homem pelo homem, a desigualdade entre o homem e a mulher, os inimigos da harmonia humana, ou sejam, a ignorância, a maldade, a soberba, e demais defeitos que dividem os homens em vítimas e tiranos.

O ensino racionalista e científico da Escola Moderna abarca o estudo de tudo o que seja favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da colectividade, um regime de paz, amor, bem estar

para todos sem distinção de classes nem de sexo.

O ensino racionalista pode e deve discutir tudo, facilitando à criança a larga via da investigação para que ela possa perceber, após maduro exame, as origens não só da terra e do homem, mas de todos os males que afligem a humanidade, guerras, tiranias governamentais, capitalistas e patronais. O ensino racionalista forma indivíduos conscientes do que são e de tudo o que os rodeia, para que em consequência, procedam sempre segundo os conselhos da razão e como o reclama o seu bem estar.

Francisco Ferrer y Guardia, eminente pedagogo anarquista, foi o criador e fundador da Escola Moderna, ou Racionalista como outros preferiam chamá-la, na Espanha, em 8 de Setembro de 1901. Seus métodos tão lúcidos quanto humanitaristas ganharam em tão pouco tempo a Europa e a América.

F

FASCISMO

Sistema político implantado na Itália em fins de 1922 por Benito Mussolini. Nasceu, porém, no final do século XIX à sombra do Vaticano. Foi encomendado para tranquilizar a alta burguesia, que andava apavorada com o desenrolar da luta de classes na Europa.

Seus teóricos modelaram durante os 40 anos que antecederam a sua implantação a mentalidade

de algumas gerações, que viriam marcar a sua presença na Itália com poças de sangue, graças ao catecismo saído da mente de **Gabriel d'Annunzio** e os **Balillas** tinham de decorar e cantar em coro, diariamente.

Tendo como emblema o feixe de varas usado pelos clássicos litores romanos, na realidade a ideia fascista é uma ideia de sistematização psicológica com objectivos económicos e políticos.

Encomendado, desenvolveu-se protegido pela Igreja e financiado pelos maiores industriais e banqueiros, interessados em salvar suas posições, a qualquer preço.

De início, contagiou crianças e jovens, exaltou potencialidades aninhadas nas mentes frágeis da mocidade, que esperava a ocasião para se auto-afirmar; depois, finatizou-os pela repetição, até à deformação psíquica; por fim, fardou-os, armou-os, instigou-lhes as vaidades e soltou-os na rua para agirem livremente.

Estava assim formada uma imensa orda de delinquentes, iniciados na categoria de **Balillas** (dos 8 aos 14 anos), passando a **Vanguardistas** (15 aos 17 anos), a **Fascio-Juvenis** (18 aos 21 anos) e, finalmente, recebiam o máximo diploma de **Legionários** (a partir de 21 anos), formando os **Cohortes** (batalhões), **Centúrias** (companhias), **Manipulos** (secções) e, então, podiam juntamente com a polícia especial, invadir, prender, torturar, matar, incendiar, destruir tudo o que incomodasse os seus chefes e os seus patrões, que lhes pagavam bem!

O **Fascismo** ultrapassou todas as expectativas da Igreja e dos seus financiadores. Tornou-se um monstro ameaçador! Correu mundo, negou os mínimos princípios de liberdade e respeito mútuo e desenvolveu a opinião de que qualquer discor-

dante ou opositor, teria que ser tratado como criminoso!!! Assim não hesitou em cometer milhares de assassinatos à sombra dessa teoria clerical!

A meta do **Fascismo** era reduzir o homem à expressão mais insignificante; a números que respondessem automaticamente à voz do comando; que estivessem presentes, sempre que fossem chamados; que sofressem e morressem em silêncio! sem perguntar para quê ou por quê.

Salazar, Franco, Hitler, Mussolini, Vargas, Lénine e Staline foram alguns dos advogados da teoria de «**Quem não é por mim, é contra mim**», de quem se opõe às minhas ideias «é antiprogredista, contra-revolucionário». E «para os opositores só resta um recurso: tratá-los como criminosos e eliminá-los».

FRATERNIDADE

Amor ao próximo, harmonia, parentesco, irmãos por afinidade. Em síntese é o que nos ensinam os nossos mestres.

A Revolução francesa de 1789 veio dar uma dimensão mais ampla, dilatar o sentido da **Fraternidade**.

Desde então, as palavras **Liberdade, Igualdade, Fraternidade** passaram a «brilhar como um farol», que irradiava seus raios de luz, seus gigantescos reflexos, sobre todos os lugares, todas as nações, todos os povos, sobre toda a **Humanidade**!

A partir de 1789 a Fraternidade galgou os limites do «**Amor ao próximo**» e ultrapassou as fronteiras locais e regionais. Venceu a marcha lenta do parentesco, do irmão de sangue, do irmão religioso, das seitas fechadas, para ganhar e envolver os

irmãos de sofrimento, os irmãos de classe, de raça, de cor e não tardará a acabar com as distinções, as hierarquias, convertendo os homens em irmãos de ideias, em iguais, independentemente de religiões, nacionalidades, pigmentação da pele e dos títulos que possam exhibir. Será o grito revolucionário francês elevado a um imenso grito de toda a Humanidade. O grito consciente de **Fraternidade Universal!**

O homem até então preso ao sentimento de liberdade, que faz parte dos elos naturais da vida, passou daí por diante a cultivar o pensamento de liberdade, que é profundamente cultural. A liberdade consciente, responsável! E é este homem que detesta a violência porque sabe que ela só gera ódio, o firme propósito da desforra, da vingança, muito próprios das ditaduras, formas brutais de entrave à evolução dos povos, dos princípios que procuram e hão-de promover e transformar o «Amor ao próximo» num **Amor fraterno da Humanidade** e a **Fraternidade** numa ideia consciente de todos: **A Fraternidade Universal!**

FEDERAÇÃO

Órgão intermediário da classe operária. A concentração operária efectuava-se em três planos: no primeiro aparecia o Sindicato; no segundo, as Federações Regionais Corporativistas de um lado e a União Local ou Bolsa de Trabalho, do outro; no terceiro a Confederação do Trabalho, órgão máximo nacional que agrupava os assalariados para a defesa dos seus interesses morais, materiais, profissionais e económicos, fora de todas as escolas políticas, com objectivos de consciencializar o trabalhador e provocar o desaparecimento do salariato

e do patronato. A Federação tinha a função dupla de aglutinar os sindicatos de profissões diversas da mesma cidade ou região e os sindicatos da mesma profissão espalhados pelo país. Os primeiros, chamados também Bolsas de Trabalho ou União de Sindicatos, enquanto os segundos eram chamados Federações Nacionais de Profissões. Em síntese: Federação era órgão de classe, elo de ligação dos sindicatos com a Confederação do Trabalho, organismo máximo dos operários.

G

GREVE

É um meio usado pelos assalariados para protestar contra a exploração económica, maus tratos, falta de higiene e segurança nos locais de trabalho, contra as multas impostas pelos industriais e abusos de autoridade, para conquistar melhorias: salariais, seguros contra acidentes, descanso semanal remunerado, redução da jornada diária de trabalho.

A greve pode ser parcial ou geral. Se dentro de uma indústria, uma especialidade ou profissão, ou se de várias profissões ao mesmo tempo, de indústria e do trabalho em geral, numa região ou num país. Pode ser de protesto, reivindicação, solidariedade de classe, económica, política, ideológica, insurreccional ou revolucionária de âmbito estadual, nacional ou de alcance internacional! No conceito de greve pode incluir-se a «Boicotagem» a

«Sabotagem» e o «Label», meios usados pelos trabalhadores contra toda a sorte de injustiças e faltas aos compromissos assumidos pela classe patronal.

Há quem considere a greve um mal, não só do ponto de vista burguês e governamental, mas também ideológico.

A maioria dos estudiosos, desde os tempos da velha A. I. T. (Associação Internacional dos Trabalhadores), são unânimes: «A acção operária é a manifestação constante dos seus esforços. Deve ser permanente e dirigida pelos interessados. A prática quotidiana, que se estende e fortalece pouco a pouco, até ao momento em que se transformará numa conflagração — a greve geral, o que será a revolução social.»

GREVE GERAL

A greve geral é a ruptura material entre o proletariado e a burguesia, precedida da ruptura moral e ideológica pela afirmação da autonomia da classe operária, depois de ter proclamado que contém em si própria todos os elementos reais da vida social, a força e a consciência necessárias para pôr em prática a vontade operária, recusando-se a produzir individual ou colectivamente para a classe burguesa.

GREVE DE RESISTÊNCIA

Este tipo de greve é predominantemente pacífica, de completo abandono do trabalho, de oposição às ameaças patronais. É uma greve de resposta, de revidar aos empregadores.

As greves podem ser ainda ofensivas — para pedido de melhorias de situação, etc.; defensivas — para se oporem a que o patrão retome regalias concedidas; de dignidade — para subtraírem à insolência dos directores e patrões práticas humilhantes; de solidariedade — declaradas para afirmar o apoio a um ou mais companheiros ou a outra associação de classe.

H

HUMANISMO

Humanismo é um amplo sentimento de liberdade; de absoluta igualdade de direitos e possibilidades; de inabalável consciência de deveres.

Em suas formas essenciais, o Humanismo é o próprio Amor fraterno, a solidariedade humana e o apoio mútuo — a Paz individual e universal!

No Humanismo, o estado de consciência da Justiça humana e social, do direito geral das coisas, é um antídoto, que visa fazer frente aos males das mesquinhas e estreitas cercas do ensino e da política autoritária, chauvinista, patrioteira.

O Humanismo, tão amplo quanto o Universo, vê a Humanidade num só homem e reconhece unicamente uma nação: o Mundo!

A Terra não é mais um mundo cheio de obstáculos intransponíveis, de divindades encubadas! Os meios de transporte e comunicação, mercê do avanço assombroso da tecnologia, encurtaram de tal forma as distâncias que o globo se tornou uma aldeia, onde os homens se sentem vizinhos, conhe-

cidos, participantes colectivos das alegrias e das tristezas que recaiam sobre qualquer ponto do Universo! E, verdadeiramente, torna mais próximo e significativo qualquer território por minúsculo e mais distante que seja; atiga a preocupação do homem; mobiliza os sentimentos das populações, entrelaça-os, e concentra rapidamente a atenção das mais diferentes sociedades humanas para as notícias que chegam a toda a parte de minuto a minuto, no correr dos dias, na vertigem do tempo!

Pois bem, aqui expomos um exemplo: essa preocupação colectiva encaminhada numa só direcção, cada vez que acontecimentos contristadores como uma catástrofe ou uma guerra chamam nossa atenção e nos sensibilizam; ou um facto alvitreiro como a independência e a libertação de povos há muito sujeitos ao jugo dos colonizadores ou de ditadores, terras e povos que pessoalmente não conhecemos, nos chegam suscitando alegria, causando-nos satisfação, é isto, nada mais nada menos, sentimento humanista!

Eis o motivo porque há quem especifique, muito acertadamente, o Humanismo como «ideia da comunicação», pela sua capacidade de atingir e sensibilizar rapidamente todos os seres humanos normais, por estranhas que pareçam suas existências, por mais distante que se encontrem do lugar onde ocorram os factos que possam motivar a vibração dos seus sentimentos!

O extraordinário Herbert Read, em seu livro **A Natureza Criadora do Humanismo**, diz-nos com toda a segurança: «O novo conhecimento da psique que está agora à nossa disposição ocupa-se com o comportamento humano, motivação, doenças e insegurança do homem e sua tendência geral; após cinquenta anos de paciente pesquisa, ele confirma

a antiga sabedoria instintiva. E um novo humanismo, portanto, pode afinal apresentar-se como o velho humanismo escrito numa nova linguagem».

Eis porque o Humanismo não pode ser implantado por minorias privilegiadas, por governos, nem por falsos condutores de massas expoliadas e sacrificadas, quase sempre associados a outros grupos políticos e financeiros desejosos de chegar ao poder.

Isto porque Humanismo é um sentimento, um estado de comportamento que não aceita poderes associados, pois visa estabelecer a justiça por escrever, a justiça da natureza humana e da consciencial!

O poder é algo que satisfaz o egocentrismo de grupos ou de pessoas que só encontram a sua paz entre a guerra de classes e de nações; só asseguram a sua comodidade, bem-estar e tranquilidade, na miséria e nas desgraças dos outros.

E o que é pior, são essas minorias que conseguem conduzir as maiorias produtoras e famintas de alimentação e liberdade, são esses pseudo líderes que possuem a mágica de «convencer» que o mundo é desigual e a humanidade não pode atingir a igualdade, por isso mesmo não se pode desejar o humanismo-sentimento e muito menos o humanismo-ideia de luta.

Nada é mais claro que o ensinamento do escritor e abnegado humanista Eugen Relgis: «Desde já cada um tem que cumprir com seu primeiro dever: enfrentar seu próprio processo de consciência. Isso é mais preciso e mais determinante que qualquer outro julgamento legal».

Humanismo, por ser ao mesmo tempo um sentimento e uma ideia, forma correcta de procedimento e um estado de consciência, não pode caber

dentro das modestas definições dos pensadores da Renascença, que visaram opor-se com esta ideia sublime às «soluções divinas» apresentadas por Tomaz de Aquino para explicar o homem dentro da sociedade. Tão pouco aceita pretensões políticas eleitoralistas baseadas nas limitações ideológicas, em torturas psíquicas, na desigualdade de direitos e de possibilidades, a conflitar com a grandeza de sentimentos, de consciência íntegra que encerra.

Humanismo é muito mais do que uma solução económica ou política, do que um sentimento banal de conquista desordenada, é uma ideia que estuda a psique do homem, com o fim de elevar ao desenvolvimento integral todas as potencialidades éticas, culturais, artísticas e profissionais da espécie humana em todos os campos do trabalho e do conhecimento, uma progressão capaz de prepará-la para cultivar o **Amor da humanidade, a bondade natural** em forma de precedimento e de costumes, o culto da Paz e da **igualdade social**, com o mesmo carinho que trata da saúde e da vida.

Humanismo é, afinal, um sentimento transformador, com capacidade para elevar o homem pela consciencialização e fornecer-lhe condições para construir um **Mundo Novo!**

HARMONIA

É o princípio básico da vida universal.

Foi baseado nesta premissa que o pensador francês Charles Fourier fundou seus falanstérios, estado social que denominou «Armonia».

O anarquista russo Pedro Kropotkine, em seu livro **O Apoio Mútuo**, fala-nos também dessa grande possibilidade, desde que os homens se disponham a realizar a grande transformação social.

IGUALDADE

Para os conceituadores clássicos, é ser igual, ter a mesma grandeza ou valor. Pessoa da mesma categoria social, económica, política, intelectual; da mesma linhagem racial, familiar ou hierárquica profissional.

Estas definições têm servido de sofisma em todo o mundo ao homem que deseja explorar os seus semelhantes, viver fartamente à custa do esforço e da miséria dos outros.

«Se os homens não são iguais — argumentam os defensores da desigualdade social — em capacidade de trabalho, de força física, de inteligência e se não têm todos necessidades iguais, como pode implantar-se uma sociedade de iguais?»

Mas a igualdade não é um sofisma, é um desejo do homem, que pretende ver substituída a **mais-valia pela autogestão consciente**.

Igualdade não significa homens do mesmo tamanho, com as mesmas habilitações, com inteligências iguais, todos musculosos, com a mesma capacidade de trabalho, ou usufruindo por igual o produto do seu esforço.

Igualdade quer dizer, principalmente, direitos e possibilidades iguais de realização do indivíduo, sem o que não se desenvolverá nos homens e na comunidade relações de cooperação e de solidariedade humana.

Igualdade é tornar realidade os direitos do homem, os direitos da pessoa, os direitos iguais à existência, os direitos iguais à satisfação dos desejos vitais, os direitos iguais de amar, os direitos iguais ao gozo do que existe e se produz, indepen-

dentemente do esforço humano de cada um individualmente.

Igualdade são os direitos iguais ao trabalho, os direitos iguais ao produto do esforço físico, técnico e intelectual de cada pessoa, os direitos iguais à propriedade encarada como síntese da reserva económica natural e produzida por todos e por cada um.

Igualdade é cada homem produzir de acordo com as suas possibilidades e capacidade e consumir e usar de acordo com as suas necessidades.

Igualdade é o direito de todos e de cada um poder desenvolver suas potencialidades físicas e intelectuais, de se realizar profissionalmente, de acordo com as suas vocações e inteligência, sem restrições de cima para baixo.

Negar a possibilidade de uma sociedade de iguais, é o mesmo que negar que o homem teve a mesma origem, o mesmo princípio e terá o mesmo fim! sem levar em conta de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Se existem hoje diferenças a separar a raça humana, deve-se a condições impostas pelos mais audaciosos, pela força, ao longo de gerações e gerações e não ao sofisma dos partidários da exploração do homem pelo homem.

Um homem vale um homem no conceito humanista, e a **igualdade** para os homens é exactamente o direito igual aos meios de garantir e defender os seus próprios direitos!!!

L

LIVRE-ACORDO

Forma de associação, união independente, onde tudo é compartilhado, sem nada alienar; onde as consciências são transparentes umas para as outras sem prejuízo dos seus movimentos, são liberdades associadas para aumentar o bem estar, a liberdade e a igualdade. Nos meios operários, o livre-acordo serviu para tornar possível a solidariedade, encurtar distâncias geográficas, como arma de luta contra o capitalismo explorador, anti-humano.

LABEL

Forma pacífica de boicotagem. Consiste no convite feito por uma corporação de trabalhadores ao proletariado, para favorecer pela solidariedade dos seus companheiros sindicalizados, de forma a não consumirem nem facilitarem a circulação de produtos executados por não filiados nas entidades de classe. Assim, os patrões seriam forçados por meios pacíficos a só empregarem operários organizados. E por fim, as mercadorias seriam carimbadas com a «marca sindical». É um meio de luta na qual o proletariado como consumidor só compraria produtos de firmas que aceitassem e respeitassem a sindicalização total.

LOCK-OUT

Ideia vinda da Europa. Sistema de coligação patronal. Espécie de greve por meio do fechamento

dos estabelecimentos industriais, oficinas e lojas comerciais, meios usados pelos empresários para vencerem os trabalhadores grevistas.

As autoridades aceitavam plenamente esse tipo de greve.

LIBERDADE

Confunde-se muito pensamento de liberdade com sentimento de liberdade, e no entanto, o primeiro tem a sua origem na cultura e o segundo é inato, instintivo, faz parte dos elos naturais da vida. O homem livre detesta a violência porque sabe que ela só gera ódio e, sobretudo, o firme propósito da desforra; detesta os sistemas governamentais de força, porque não acredita nas soluções estatais e tem consciência de que a liberdade é parte activa do desenvolvimento do poder criador, constante evoluir para o aperfeiçoamento das sociedades e dos povos.

A dignidade humana terá fatalmente de ser o ponto central da organização social democrática, já que o homem é o centro fundamental dessa sociedade ao invés de massa, de elemento ausente na sua realização, obediente a interesses subjectivos.

É a valorização do indivíduo que se terá de promover imediatamente para que a liberdade possa existir em toda a sua plenitude!

O homem só será livre à medida em que possa viver isento de todos os tipos de pressão: económica, religiosa, política, jurídica, moral, etc. Com essa isenção, jamais estará vivendo livremente. Tanto do ponto de vista físico como intelectual, será sempre uma presa de fácil condução, um ser condicionável às conveniências dos «líderes».

Para a liberdade se tornar real, verdadeira, completa, o homem terá de organizar uma sociedade que a seu tempo desenvolva em cada cidadão princípios capazes de criar os direitos do homem; os direitos iguais na satisfação das necessidades vitais; os direitos iguais no gozo do que existe e se produz independente do esforço humano; os direitos iguais no trabalho; os direitos iguais à propriedade, encarada como síntese da reserva económica; os direitos iguais aos meios de garantir e defender os seus próprios direitos!

Eis o que se pode chamar liberdade!

A LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

Todo o estado de consciência é um conjunto de qualidades inatas, instintivas, hereditárias, de educação, de influências de família, do ambiente, fora e dentro do lar, da escola que frequentou, do meio social, político, económico e religioso a que se esteve submetido e no seio do qual se desenvolveu. A resultante de todas as percepções guardadas, das ideias adquiridas, dos sofrimentos e alegrias que lhe tocaram emocionalmente, deu ao homem consciência que só obedece a si mesma. Nenhum artifício pode fiscalizá-la!

Segundo Clemente Royer «pensar e crer livremente é um direito do homem incoercível, que escapa a todo o poder externo, mais do que isso, é uma função.»

«Nem interesses, nem ameaças, nem autoridade, nem perseguições, nem carrascos, nem martírios podem modificá-la, quando muito podem levar o homem consciente a mentir aos outros mas nunca a si mesmo.»

M

MASSA

Farinha molhada, amassada para fazer pão, substância pastosa e mole, informe, capaz de servir de adesivo pela compressão entre dois objectos. Não tem acção própria, elemento balofo, amorfo.

Mas a «grande dimensão» de massa anda na boca dos políticos. Para eles, significa aglomerado de gente, multidão de trabalhadores a quem procuram convencer periodicamente com discursos candentes, de que devem segui-los e neles votarem! São grupos humanos aos quais podem falar à vontade, pois as pessoas que os compõem só ouvem, aplaudem e não contestam!

Massa é uma multidão bate-palmas a quem grita primeiro, a quem berra mais alto, e que está sempre de acordo com o último orador que ouviu falar no virar da esquina.

Já para os doutores da propaganda comercial e para os dirigentes a Televisão, a Rádio e a Imprensa são veículos de «comunicação de massas» que atingem individual e colectivamente muitas pessoas ao mesmo tempo, em casa, nas ruas e nos locais de trabalho, sem que estas possam contestar a utilidade dos produtos anunciados, a veracidade das notícias ou as desculpas sem lógica!

O poder e o alcance desta propaganda está na repetição sistemática, na projecção de imagens, que vão sorrateiramente penetrando no subconsciente dos ouvintes e dos leitores, sem que esses disso dêem conta, só chegando a perceber que decoraram os anúncios quando deparam com algum objecto ou escutam o balbuciar de uma voz semelhante aos da propaganda. É então que lhes vem

à lembrança os produtos anunciados, as notícias escutadas, a que não teriam dado importância. É aí que se dão conta de que decoraram e não tardam em comprar tais produtos ou mesmo a comentá-los, já que subjectivamente foram conquistados.

As diferenças entre massa com relação aos propagandistas comerciais ou aos políticos são bem pequenas, já que os objectivos são idênticos: convencer o maior número possível de ouvintes a comprar um determinado produto, por «ser melhor» do que os similares já à venda; fazer com que apoiem um certo candidato, que pretende tomar o lugar e destronar o seu «rival»...

Nos dois casos, convencer o maior número possível é o ponto máximo a atingir. Os meios usados, pouco importa; o importante é atingir os fins dos propagandistas.

Massa é, portanto, um grande bolo informe, amorfo, muita gente junta, sem vontade própria, que não sabe o que quer nem para onde deve caminhar. Gente que precisa de quem pense por ela. Que tem de ser manipulada, trabalhada, conduzida. Que tem a mesma necessidade de um chefe, como o rebanho do seu pastor!

Massa é o povo que não pode vencer as etapas normais do desenvolvimento físico, psíquico, emocional e intelectual; é povo deformado pelas estruturas políticas, condicionado pelos costumes religiosos, sociais e familiares; tímida gente, insegura, cheia de medo de ser livre, tal é o sentimento de escravo fixado e desenvolvido no subconsciente; seres humanos que não podem andar sozinhos, incapazes de pensar, de raciocinar e decidir pela sua própria cabeça, sempre necessitando de ter presente a sombra do líder, do chefe, do governo. Por isso a ideia da inexistência de tais elementos de

segurança imaginária apavora-os e fá-los pensar e ver imediatamente o caos, a desordem...

Massa, como designação de unidade colectiva humana, precisa de desaparecer dos dicionários, da boca dos propagandistas comerciais e políticos e, principalmente, da ideia dos responsáveis pela instrução, pela educação e cultura dos jovens, para que venhamos a ter individualidades conscientes, com capacidade para pensar e agir sem temores íntimos ou externos de qualquer espécie.

É a valorização do homem que temos de promover e não da massa, elemento ausente em todas as conquistas sociais da espécie humana.

MAXIMALISMO

Apareceu de uma tradução do russo para o inglês e deste último para o idioma português, da palavra «maximismo». Na verdade quer dizer máximo. Surgiu na Rússia por volta de 1903 para distinguir a ala política de um programa máximo, da mesma forma que os «Menches» defendiam um programa mínimo. Esse partido viria a ser conduzido ao poder na Rússia por Lenine com a denominação de «Bolche» — «Viki» — (Bolcheviki) — Bolchevismo.

Os seus objectivos iniciais de «Programa Máximo» só foram atingidos no campo da violência e da repressão. No terreno da liberdade política e social, da igualdade de direitos e de deveres, está por atingir.

MUTUALISMO

Entidades associativas destinadas a socorro, à distribuição de ajuda às pessoas associadas,

quando inválidas, doentes e desempregadas. Serviam também para pagar médico, remédios e enterro dos mutuários e suas famílias. É a génese dos primeiros seguros de acidente de trabalho então chamadas «mutualidades». É mais do que tudo isso, o começo da Grande Solidariedade Humana!

N

NAÇÃO

Pedaco de terra cercada por marcos convencionais, por fronteiras, habitada por um povo que pretende falar a mesma lingua, diz ter interesses comuns, a mesma origem e rege-se por leis próprias.

Nação já foi o próprio Universo. Agora, distingue-se por pedaços de terra guardados militarmente, patrioticamente...

Cada nação foi formada de acordo com o tamanho da ambição dos seus conquistadores. Seus marcos divisórios, idioma usado, leis reguladoras, serviram para distanciar os povos, torná-los inimigos uns dos outros e inspirar-lhes a guerra!

Hoje, vemo-nos diante de nações densas, superpovoadas, sem espaço vital suficiente, fazendo divisas com nações ricas em recursos naturais e de escassa densidade demográfica, com suas próprias fronteiras fechadas à emigração.

Barreiras políticas, económicas e monetárias impedem a livre circulação de pessoas e de mercadorias num globo dividido em compartimentos es-

tanques, a dificultar o extravasamento das superpopulações das nações pobres e da superprodução das nações ricas para os países onde poderiam ser mais úteis.

Nesta ordem, nações e povos estragam comida que falta a povos e nações!

Sectores minoritários ostentam com empáfia e escárnio desafiante riquezas, em prejuízo da maioria esmagadora que perece lentamente pela desnutrição.

O homem é consumidor antes de ser produtor e produtor antes de ser participante dos resultados do produto do seu trabalho. Por isso, a má distribuição de riquezas — segundo a ONU — mantém dentro de uma população mundial de 3,7 biliões um bilião de pessoas vivendo na mais extrema pobreza, morrendo lentamente de fome!!!

P

POLITICA

«Arte» de governar uma nação. De impor-se aos governados. Astúcia!

Dentro desta actividade existem: a politicagem — prática de políticos sem vergonha; politicante — o que emprega processos indecorosos; politição — o grande malabarista político; politiqueiro e politicomaniaco — grandes mestres da monomania política.

Política — desejo de auto-afirmação, veiculo de vaidades íntimas, meio próprio para a sublimação

de frustrações e recalques pessoais e colectivos empregado por desajustados da sociedade. Meio de realizações económicas; ante-sala dos conchavos, acordos e negociações; cátedra onde se professa sempre o que mais convém ao próprio lucro e jamais se pronuncia o que se pensa!

Em política vale tudo! O candidato para ser eleito tem de saber prometer e prometer bem, tem que impressionar, distribuindo seu retrato para melhor identificação dos seus admiradores, e é preciso também que seja bonito...

Necessário é ter estômago de ferro, capaz de digerir todos os tipos de sapos: o do brejo lodoso, o raquítico das favelas, o gordo dos jardins epicopais, o que carrega o cheiro a mofo das sacristias e dos cemitérios, os bem alimentados dos palácios e os vegetarianos do campo!

O político, antes de tudo, deve ser bom conservador, um «verdadeiro artista», capaz de imaginar e prometer o inexistente, de ensinar o que precisa aprender.

Política é a «arte» em que os desequilibrados emocionais, os deficientes psíquicos e os delinquentes em potencial encontram protecção e segurança para se realizarem totalmente!

Nessa profissão, à sombra da máquina do Estado, sentem-se os políticos seguros e podem impor-se, extravasar agressividades providas dos recalques, encher e esvasiar cofres, ordenar torturas, condenações, matar, declarar guerras, protegidos por leis!

A Política abriga e nela se realizam psicopatas como Hitler, Mussolini e Franco; revoltados, frustrados e recalcados como Lenine, Peron, Fidel Castro, Vargas e Salazar.

O político vale pelo que mente e trapaceia; pelas

negociatas que pratica, ora empregando palavras mansas, delicadas, ora soltando palavrões rematados por um abraço amigo de desculpas:

— "V. Exc.ª é um burro...!"

— "Burro é... é V. Exc.ª!"

Eis um significativo diálogo, patriótico e instrutivo, vazado no rico e polido vocabulário político!

É fina «arte» mesmo! A Política só pode ser praticada por esses extraordinários artistas! E por ser assim, recentemente inspirou um caricaturista a produção de um quadro em que figuravam dois presos portugueses dados à prática do furto, colocando-lhes na boca o seguinte diálogo:

— "O que vais fazer, quando saires da prisão, ó Joaquim!?"

— "Bem: eu não sei se me regenero, amigo, ou... se entro na Política!"

PÁTRIA

O que é a Pátria?

— Para os «mestres do Civismo, Pátria é coisa «sagrada», pela qual se deve morrer, se for preciso!

Milhões e milhões de cidadãos sádicos, jovens no vigor da idade, têm dado a vida pela Pátria. Matam e morrem para «defendê-la». Para essas ilustres personalidades, Pátria quer dizer raça, idioma, nação, brio e orgulho pela terra onde se nasce!

Pátria, na sua concepção mais acanhada, é ideia que chega a atingir um estado de delírio alienante, chauvinista, e, sob sua influência, em seu nome, praticam-se grandes crimes!

Em nome da Pátria declaram-se guerras. Para

defender-se um pavilhão, símbolo da nacionalidade, fabricam-se bombas atômicas e de hidrogénio!!!

Exércitos imensos estão permanentemente em alerta, dispostos a matar e morrer em defesa de algo que acreditam sagrado: A Pátria!

Desde os bancos escolares aprende-se a falar da terra onde se nasceu e a cantar hinos nem sempre agradáveis ao gosto musical da inocente infância na idade da alfabetização. A ideia de Pátria levada a tais extremos só tem servido para armar o braço do homem e levá-lo às grandes demandas, a criminosas aventuras.

O nosso século está assinalado por duas grandes guerras e inúmeras batalhas capazes de cobrir o chão de cadáveres, a humanidade consciente de vergonha e os peitos entufados de empáfia de certos «heróis», de medalhas que representam o estigma do ódio e são o símbolo do crime!!!

Pátria é ideia dos privilegiados responsável por uma desigualdade demográfica, de riquezas naturais, de fome e de exploração dos fortes sobre os fracos. Em seu nome, sob sua protecção, ou melhor dito, por trás de falsos princípios, montam-se férreos regimes, governos intolerantes, conselhos de segurança, campos de trabalhos forçados, manicomios políticos, corpos de polícias especiais para descobrir «traidores» e garantir os tribunais criados para os condenar!

Fortunas incalculáveis custam aos cofres públicos, que o mesmo é dizer ao esforço honrado de quem trabalha, a sustentação dessa palavra, que, em última instância, serve para intranquilizar e dividir povos irmãos.

«Pátria — afirmou um pensador — é uma bandeira esfarrapada que tem servido para esconder interesses espúrios; é uma filha bastarda duns

poucos egocêntricos que num passe de mágica conseguiram fanatizar povos inteiros e levá-los a esquecer o essencial para defenderem o supérfluo.»

«Pátria é uma expressão negativista que só tem servido para dividir os homens, os povos, colocando-os em estado permanente de alerta contra supostos inimigos do outro lado da cerca divisória.»

Pátria é por certo útil, necessária, indispensável aos fabricantes de armas, que teriam de buscar novas ocupações no dia em que os povos não se vissem mais como supostos inimigos e se dessem as mãos, confraternizados, voltando-se como irmãos para os princípios e a prática da solidariedade humana Universal, constituindo-se numa só família, grande família, numa Aldeia Municipal.

A terra é uma só. Nasceu antes do homem com todas as suas riquezas naturais! Dividida e fraccionada por interesses, ganhou formas de desenvolvimento diferentes. Os idiomas distanciaram as comunidades. A exacerbação nacionalista frustrou em dimensões desiguais os padrões da coexistência pacífica, da tolerância, do intercâmbio e do apoio mútuo, que tende a perecer!

Sem a ideia da pátria não existiriam fronteiras, demandas entre contrabandistas e os homens poderiam espalhar-se pelo espaço terrestre de modo mais conforme com as necessidades produtivas e de consumo, desaparecendo, dessarte, algumas das mais sérias desigualdades que mantêm os povos em permanentes conflitos sociais.

Pátria é filha da Política! Serve como elemento de discórdia! É semente das guerras! É ideia mesquinha. Pequena ideia limitadora do amor dos homens, que é sentimento de âmbito universal!

A REVOLUÇÃO

A Revolução é um acontecimento de alcance ilimitado, em constante transformação, sempre e sempre evoluindo!!!

A Revolução é antes de tudo uma ideia, um sentimento; é cultura; é trabalho e bem estar social distribuídos equitativamente por todos! A Revolução principia nos cérebros, evolui livremente fundamentada numa filosofia de vida generosa e positiva, baseada em sentimentos e acções que equilibram atitudes e movimentos, na harmonia que junta a natureza e o homem, que concebe e prepare personalidades emocionalmente equilibradas, caracteres bem formados, cidadãos justos, capazes de produzir, participar, dar e receber.

Revolução é um estado de espírito, consubstanciado na liberdade responsável, no livre acordo, no apoio mútuo, na livre associação e na solidariedade humana. De sorte que a Revolução vale tanto quanto os homens que lhe abrem o caminho, que lhe dão curso! Processa-se partindo da natureza-princípio e fim de todas as coisas; evolui com a cooperação voluntária e livre de todos, pela coordenação e administração do esforço manual e intelectual até alcançar o máximo da produção, da perfeição e da beleza. É um trabalho de todos em proveito de todos e de cada um!

O homem é um animal sociável, um competidor permanente que rechaça por princípio os esquemas rígidos, absolutistas; constante aperfeiçoador que é sempre em busca do belo, do harmonioso, de es-

tágios de justiça social; por isso, é também um Revolucionário potencial por excelência!

A Revolução consciente, positiva, realista, só pode ter o homem-centro de todas as coisas, como a figura mais importante, o elo de ligação na nova sociedade que nasce, já que a Revolução é uma obra de todos e de cada um! Por conseguinte, Revolução equivale a desenvolvimento da capacidade da criatura humana. A Revolução consciente fomenta e desperta a grandeza de sentimentos, solidariedade entre os povos, cultiva todos os dias o amor ao próximo e à humanidade, como se cultiva a saúde e a vida. Na sua marcha, a Revolução visa a integração de sentimentos e ideias capazes de tornar o homem cada vez melhor, mais tolerante, compreensivo e justo. Sua meta é a grandeza do indivíduo pelo aperfeiçoamento constante, do simples para o composto, até o atingir no grupo, na sociedade, no plano económico, social e humano, no plano intelectual e cultural.

REACCIONÁRIO

É o indivíduo sectário da reacção política e social conservadora de velhos sistemas, costumes e tradições seculares.

É assim que os clássicos definem o comportamento antiprogressista, no campo político, social, familiar e religioso das camadas dominantes.

Mas o reaccionário sendo «pessoa ou pessoas da reacção», princípio ou ideia baseada em castas, hierarquias militares, políticas, religiosas, profissionais, culturais e sociais, elitismos familiares, raciais, de cor, de sexo, regionais, da nacionalidade e de

classes, é por formação um indivíduo deformado psicicamente pela imposição dum condicionamento pré-estabelecido entre as famílias mais «importantes».

Para sustentar, justificar, explicar o princípio retrógrado advindo desse termo, implantaram regimes absolutistas, autoritários, ditatoriais, elaboraram leis específicas, nomearam o **Mestre-escola** e o **Padre** para injectarem nas frágeis mentes infantis a convicção de obediência cega aos «superiores»; editaram conceitos distorcidos, criaram a censura para vigiar «as ovelhas ranhosas» e os tribunais com poderes para condenar; construíram cadeias para castigar, inventaram o torturador e o carrasco para executarem os mais recalcitrantes.

Para fazer valer e prolongar o poder, a acção objectiva e subjectiva do **Reaccionário**, tornou-se obrigatório divulgar e decorar o hino nacional, o amor à bandeira, a obediência aos evangelhos, o «respeito» aos melhores situados na escala política, económica e social, às autoridades, concluindo pela exaltação do patriotismo; incentivou-se o cultivo das tradições familiares, o elitismo, das categorias profissionais, de classe e títulos, da subserviência às normas tradicionais, superioridade local, regional e nacional.

Gerações e gerações nasceram e morreram educadas dentro destes princípios de desigualdade, que o tempo transformou em religião de Estado, em costumes de todos, ao ponto de o mais liberal dos povos, dos políticos em geral e das camadas dominantes em particular, resistirem subjectiva ou ostensivamente à ideia da igualdade de direitos e de possibilidades para todos.

A deformação é tão poderosa, que virou forma de vida, de comportamento! E se evidencia nas inú-

meras camadas populacionais, principiando pela mais humilde e terminando na mais poderosa, atravessando uma escala de valores e posições culturais, sociais, profissionais e regionais, de modo chocante.

No campo profissional, as «superioridades» existem dentro e fora das mesmas especialidades: no ensino, cada mestre acha a sua matéria mais importante que a do colega; nas famílias e nos locais de residência, sobressai a defesa incondicional e instintiva do elitismo e da hierarquia!

Isto é, sem dúvida, uma forma generalizada de vida reaccionária, baseada em conceitos injectados objectiva e subjectivamente ao longo dos séculos.

Segundo o psicólogo soviético Kornilov, «reacção resulta da variedade de preparo quantitativo e qualitativo a que tem sido submetido o homem; é um organismo vivo que se manifesta em decorrência do ambiente circundante.

Cada individuo carrega consigo forças inatas capazes de revelar-se e sofrer uma aceleração ou diminuição, de acordo com as potencialidades energéticas de cada um».

Ora, se o individuo «carrega energias e potencialidades psíquicas, como está provado, que podem ser aceleradas ou diminuídas, proporcionalmente à influência do meio ambiente circundante», cada um de nós em particular e a sociedade em geral, responde incontestavelmente pelo agravamento das más condições do individuo, ao impor-lhe uma educação e uma instrução defeituosas, ante uma vida desigual de miséria e de temores, uma disciplina de tradições e costumes altamente alienantes!

Reaccionário é, portanto, todo aquele que, exigindo rótulos de liberdade, de igualdade e de fra-

temidade nos campos da política, da economia e da cultura, da religião ou da arte, se opõe pela acção objectiva e subjectiva à mudança dos costumes que têm permitido que o homem seja e continue um escravo do homem: o pai, dono do filho; o marido, dono da esposa; o chefe, dono do subordinado; o general, tutor dos soldados; o padre, dono de Deus; e o governo, senhor todo poderoso, pai incontesti da «verdade, do direito, da razão, da justiça, o homem que dispõe da vida e morte dos seus compatriotas, herói quando mata e herói quando morre!»

Para mudar este tipo de reacção é preciso fazer-se três revoluções:

- 1.ª Revolução política;
- 2.ª Revolução económica e social;
- 3.ª Revolução do ensino e da educação, a revolução consciente, dentro e fora do homem!!!

S

SINDICATO

Célula da organização corporativa, constituído por operários da mesma profissão, da mesma indústria ou executando trabalhos similares ou correlativos. O objectivo do sindicato é tornar-se uma força, é criar para os seus associados condições capazes de resistir às ambições patronais. É um agrupamento formado no terreno económico, sem necessidade de uma vida preconcebida; são interesses que estão em jogo; e todos os operários

que têm interesses idênticos aos do agrupamento, podem filiar-se nele, sem necessidade de declararem quais são as suas ideias em matéria filosófica, política ou religiosa. O sindicato dentro do seu prisma orgânico, parte do simples para o composto, ou seja do agrupamento de indústria para a União de Sindicatos; da União de Sindicatos locais para as Federações regionais e das Federações para a Grande Confederação Nacional.

Dentro do conceito sindicalista, há modalidades de lutas distintas, ou sejam: Sindicatos Mutualistas e de Beneficência, Sindicatos Autónomos, Sindicatos Independentes, Sindicatos Políticos, Sindicatos Fascistas, Sindicatos Religiosos e Sindicatos Revolucionários.

SINDICATOS REFORMISTAS

Aceitam as situações políticas como uma obra em que viam falhas, mas admitiam poder melhorá-las por meio da participação e da colaboração de líderes operários no Governo e a adopção de leis reguladoras. Aceitavam os intermediários para resolver os problemas da classe trabalhadora, em vez da acção directa. Entregavam à «boa vontade» dos legisladores a solução das suas necessidades, medida que muito agradava aos governos, pela oposição ao conceito de que «a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores.»

SINDICATO AUTÓNOMO

Definia-se pela posição de independência, repelindo todas as instituições criadas pelos governan-

tes, por ver nessas medidas intenções suspeitas. Não aceitava qualquer intromissão política e não tinha ligações ideológicas com qualquer corrente filosófica. Sua independência era total e sua acção limitava-se às conquistas sociais sem objectivo de emancipação social.

SABOTAGEM

Método de lutas operárias usado inicialmente na Inglaterra no século XIX. Foi a União Internacional dos Carregadores Marítimos, com sede em Londres, a primeira entidade a aplicar o método da sabotagem sob a denominação de «Go Canny»: — «A má paga, mau trabalho»

A sabotagem como método de luta de classes chegou à França e na última década do século XIX tornou-se uma arma terrível: «feria pela morosidade de produção, pela má qualidade, pelo estrago de produtos, indelicadeza e mau atendimento ao público. No espaço de três anos, das 2 000 lojas de barbeiro de Paris, não havia talvez cem que não tivesse levado, pelo menos uma vez, algumas pinçeladas corrosivas. Resultado: as barbearias passaram a fechar às 8 horas, ao invés de altas horas da noite, e aos domingos.»

SINDICALISTA

O Sindicalista distinguia-se da massa! Era um homem pensante, consciente, recto. De conduta ética e profissional exemplares, quase sempre dos melhores artistas em sua profissão. Coerente em suas ideias, no trabalho e no lar. Sem superstições

e anticlerical. Estudioso da Sociologia e culto mesmo neste campo do conhecimento. Suas ambições não se restringiam à satisfação do estômago porque seu cérebro estava bem mais acima e além daquele órgão digestivo. Iam muito mais além; iam até ao bem estar geral, colectivo, propugnavam por uma igualdade social!

O Sindicalista repudiava os vícios e distinguia-se pelo laço da gravata, conhecido em todo o mundo operário por «laço à sindicalista».

SINDICALISMO POLITICO

Teoria imposta por leis estatais e governamentais que objectivam obrigar o trabalhador a se deixar conduzir em grandes grupos, pensa pelo operário, decide por ele, dita-lhe o que pode e deve fazer nos locais de trabalho, planeja aumentos salariais sem o ouvir, e decreta-los. É um órgão esterilizante que impede a luta de classes, previne conflitos sociais, traz para a vida do operário os processos de conciliação parlamentar e jurídica. Em suma, por meio deste organismo, os governos controlam e determinam através de leis o que o trabalhador pode comer, vestir, calçar, estudar, e onde pode e deve morar. O sindicato politico ganhou formas definitivas na Itália pela mão do «Grande Conselho Fascista» ou mais exactamente do ex-socialista Mussolini e seus sequazes. Da Alemanha Nazista também foi modelo no campo sindical para muitos países. Exportado, teve a sua implantação no Brasil a partir da Revolução de 1910. Firmou-se em Portugal por obra e graça de Salazar, extinguindo-se, felizmente, a 25 de Abril de 1974.

SINDICALISMO REVOLUCIONARIO OU ANARCO-SINDICALISMO

Ideia Universal que tem como ponto alto a solidariedade humana. É doutrina e método de luta. Como doutrina, parte do elemento humano, célula componente da sociedade. Dentro deste prisma, prevê, entre suas múltiplas funções, a educação social, instrução e cultura até ao máximo da preparação artística, técnica e científica em ordem crescente, evolutiva, de modo que o individuo adquira todos os conhecimentos indispensáveis à boa formação física, psíquica, ambiental, sempre baseada na liberdade, na solidariedade e no apoio mútuo. Almeja uma sociedade de irmãos, dentro do harmónico e integral desenvolvimento das múltiplas energias e necessidades afectivas, intelectuais e sociais, partindo da criança ao adolescente, para o adulto, com vista a prepará-los para irradiar os males deformadores do carácter: o egoísmo; a luta diária pelo espaço vital; a guerra do dia-a-dia; o domínio do mais forte, mais inteligente ou mais audacioso, sobre o mais fraco, menos favorecido.

É uma ideia que pretende ligar os homens emocionalmente pelo coração e associá-los voluntariamente por interesses comuns. A liberdade, responsabilidade e igualdade social são elementos da maior importância e de maior valia para o seu mundo.

Como método de luta, pretende anulação do Estado, das leis e do Capitalismo. Sua força reside num conjunto de agrupamentos voluntários, ligados também voluntariamente em função da igualdade social. Propõe-se liquidar através da acção directa os males da sociedade burguesa, como rea-

lização prática e experimental — porque é permanentemente evolutivo — baseado em leis científicas, sociológicas e psicológicas até atingir o pleno desenvolvimento progressista de justiça social e alcançar pelo trabalho colectivo a igualdade de direitos, de deveres, de bem estar e atingir uma sociedade onde todos os seres humanos possam co-existir pacificamente, produzindo e usufruindo das riquezas naturais e do trabalho de todos em favor de todos.

SOLIDARIEDADE

Atitude, rasgo de lealdade — comportamento do proletariado em alto nível ético, ideológico e humanitarista.

Como solidariedade entende-se o auxílio económico, político, ideológico e humano, no plano individual, familiar, de classes e colectivo: local, regional, nacional e universal. Na prática era exercida no lar, nos locais de trabalho, e nas associações de classe e destas irradiava para todos os cantos da Terra! Milhares de vezes o trabalhador se exercitou nesta virtude, ao recusar individualmente benefícios que deviam ser de todos. Preferindo a demissão para não prejudicar os companheiros, nas diversas actividades profissionais, opunha-se, assim, à prática de injustiças silenciosamente. Dentro deste princípio, recusava a gorjeta quando prestava serviços, para exigir um pagamento justo; contribuía semanalmente com uma parcela do seu salário para auxiliar os companheiros desempregados e doentes; nas greves de grande duração, ou durante a prisão de companheiros por delitos de ideias, formava comités que

chegavam a comprar bois, matá-los, para distribuir a carne às famílias e aos trabalhadores, além de outros alimentos; pagar o aluguer das residências e abrigar crianças no curso da luta, quando os pais estavam sendo caçados pela polícia. A solidariedade em forma de protesto levou honrados idealistas e entregar-se à prisão assumindo responsabilidades individuais ou colectivas por actos que as autoridades viam e entendiam como subversivos.

A Solidariedade Humana foi o mais nobre princípio seguido pelo proletariado na sua luta pela emancipação social. Belo gesto! gesto nobre! na prática da filosofia anarco-sindicalista!

SOCIALISMO LIBERTARIO

Sistema económico segundo o qual a riqueza é social na sua origem e produção; deve ser social também no seu destino e administração. Sistema de sociedade, segundo o qual o fim deve ser o bem estar de cada um dos seus membros, solidariamente. O socialismo libertário não aceita a camisa-de-força dos métodos autoritários, monopólios ou poder violento. A cada novo modo de ser, a sua forma; a cada fim, o seu método. O método, a forma do socialismo é o anarquismo, o federalismo — não o falso federalismo de governos, do alto para baixo, mas ao contrário, a organização livre e espontânea, do simples para o composto, sob o impulso da solidariedade e das necessidades naturais e sociais — o indivíduo livre no grupo, o grupo autónomo na federação, a federação livre na Humanidade.

T

TRABALHADOR

É simplesmente o indivíduo que produz alguma coisa, física ou intelectualmente. Isto é, com os braços, o corpo de modo geral, bem assim com a ideia, o cérebro.

Não se pode definir ou entender o trabalhador, particularmente, como aquele que trabalha muito, ganha pouco, que é assalariado, produtor braçal, homem pobre e de pequenas letras, que produz no campo, na oficina, nas minas, no mar e no lar.

Isto porque trabalhador é também o sábio, o cientista, o químico, o intelectual propriamente dito, que escreve, planeja e ensina, no laboratório, no escritório e na escola!

Não só é trabalhador quem lavra a terra, semeia e colhe o grão, como quem fabrica utilidades, faz a embalagem para a sua distribuição; quem inventou a máquina, imaginou e fez os fornos, idealizou e construiu veículos, criou os meios de transporte, não foi mais que um trabalhador.

A força instintiva onde se oculta um «deus criador» dentro do homem, que nada mais é do que a natural inteligência e marca a sua presença em suas diversas potencialidades na realização do bem comum, reduzindo, portanto, à comum denominação de trabalhador todos os homens, aquele que faz peças, monta e dirige as máquinas, constrói as ferramentas, inventa, desenha, estuda, descobre a forma de dar forma aos objectos, instrumentos, ferramentas de utilidade e uso geral da comunidade humana, é indeterminadamente trabalhador.

Na pesquisa, encara e desvenda: aí está a Ciência; na execução adquire e aperfeiçoa a técnica;

assim prossegue o homem em sua marcha, guiado pelas matemáticas, auxiliado pela química, sob as luzes da física, tendo já a seu serviço o aproveitamento da electricidade, o impulso da electrónica, no interminável caminho de sua realização como trabalhador!

Trabalhador que desbrava as matas, constrói estradas que interligam e casas que abrigam; Trabalhador que planeja e calcula; Trabalhador — técnico que orienta; Trabalhador que tece o pano, curte o couro, faz a roupa, o calçado, funde os metais e aproveita sua utilidade; Trabalhador químico, farmacêutico, médico, professor, industrial, comerciante, policial, advogado, juiz e militar; Trabalhador coveiro, pescador, varredor de ruas, canalizador de águas, construtor e condutor de navios, comboios e aviões; Trabalhador que inventa e fabrica pás, picaretas, enxadas, vassouras; Trabalhador! — desde o químico que realizou a liga para fundição dos canos, ao inventor e desenhista de navios, comboios, aviões, instrumentos propulsores de força extraordinária, satélites e astronaves!

De modo que tão trabalhador é quem projecta, cria e ensina nas escolas, quanto os operários que as construíram ou que se encarregam de sua conservação e limpeza.

Todo o homem, seja qual for o seu ramo de actividade, só pode ser um trabalhador, cuja valorização não está no título que exhiba nem na espécie de actividade que exerça porque o seu valor é absoluto, porém deturpado e confundido por sistema que converte trabalhadores em fonte de riqueza de uns poucos, com o prejuízo de muitos!

A diferença com que o sistema procura justificar, está na forma de trabalho, mais ou menos penoso em suas variedades e na utilidade de cada

função dentro da sociedade, variando daí as remunerações. Então, surgem os efeitos, no mais das vezes atentatórios à dignidade humana, do uso e, principalmente, da distribuição dos frutos desse esforço do trabalhador.

O trabalho em si, sem o estigma de escravidão que lhe apuseram na antiguidade, é uma necessidade, um direito e uma obrigação de todos!

O mal está, por consequência, na forma como se divide o trabalho e o produto do esforço do trabalhador.

Em oposição a essa desigualdade nos países burgueses, surgiu, decorreram mais de 50 anos, a «Ditadura do proletariado disposta a acabar com pobres e ricos, exploradores e explorados».

Apesar da validade da teoria, há mais de meio século que na prática a desigualdade persiste e ninguém está livre de ser taxado de antitrabalhador!

O sonho de que todos seriam trabalhadores iguais numa pátria, tendo o Estado como patrão-absoluto, agoniza esmagado sob o peso do crescimento burocrático, policial e militar!

Exactamente porque o mal não reside em ter muitos ou um só patrão, em ter capatazes, mestres e directores, ou «camaradas-delegados sindicais e do Partido», mas na forma como se impõe e exerce o trabalho, como se educa e prepara o profissional e como se consciencializa cada produtor!

O trabalho pode ser digno ou indigno, exercido pela mesma pessoa; o trabalhador pode ser útil ou inútil, de conformidade com as estruturas económicas, sociais e culturais da sociedade em que vive e exerce a sua actividade.

Os males habitam nas anomalias político-sociais humanas que vêm deformando o homem há séculos, reduzindo-lhe a capacidade de raciocínio, de

equilíbrio emocional, de amor ao próximo como a si mesmo, vedando-lhe os meios de consciencialização.

São contradições acumuladas nos cérebros humanos, dificultando o próprio homem na luta pela sobrevivência.

Trabalho, antes de ser acto realizado, é génese; antes de ser esforço psíquico, é ideia. E é na ideia que repousa a vontade do homem explorar o próprio homem!

É por demais evidente que as divergências classificatórias de **trabalhador** e **antitrabalhador** não advêm dos tipos de profissões que o homem exerce, mas da distribuição que se dá ao resultado do esforço manual e intelectual do produtor!

Sujeito às leis do Estado-patrão ou de muitos patrões amparados e protegidos pelo Estado, na realidade o que incomoda, irrita, «ilha» cada trabalhador e o empurra para dentro de sua máscara protectora, de seu mecanismo de autodefesa, são as formas do usufruto do trabalho de cada um e de todos, móbil de todos os tipos de egoísmo corruptor do coração humano, motor de insinuações permanentes, capazes de tomar cada indivíduo um vigilante permanente, desconfiado, que vê nesse tipo de procedimento a sua sobrevivência, uma necessidade tão indispensável como o pão de cada dia.

E condicionado por esta situação, deixa-se vencer, renuncia ao direito de pensar por sua própria cabeça, chegando a pouco e pouco à condição de eterno dependente das muletas — dos «chefes» e dos «líderes». Assim, vê tudo confuso e incerto na vida e é levado pela insegurança à dúvida de suas próprias razões.

Não raro esse estado psico-emocional tem levado o homem a cair na idolatria da redenção, tanto ou mais negativa do que a ideia de Pátria, «Dever», «Honra», Religião e Civismo!

É pois neste estado de instabilidade e de insegurança psíquica que germinam as ideias tímidas e confusas, os desejos de passagem da condição de trabalhador-chefiado para a de trabalhador-chefe, de tomar o lugar do companheiro que dirige e, em vez de preparar o caminho para construir uma sociedade de irmãos, de iguais, onde não há lugar para policiais, juizes, advogados, comerciantes, patrões nem governo de um só homem, alimenta e exercita o instinto da desforra!

Faz-se, pois, necessário a unidade de consciência, para que o trabalhador, com ajuda da escola, seja infundido do amor à Paz, aversão à guerra, do desprezo pela desigualdade social, e torne o homem um ser solidário, por cima das fronteiras como se estas não existissem, de modo que cada um por si e em benefício de todos, exerça trabalhos capazes de proporcionar a felicidade de todos e de cada um.

Isto porque trabalhador é todo aquele que contribui de alguma forma, com seu trabalho físico ou intelectual, para a sobrevivência da Humanidade.

TEATRO SOCIAL

Por Teatro Social compreende-se a arte dramática de representar peças de fundo eminentemente social, revolucionário.

Este tipo de teatro foi organizado e levado à prática nos meios operários, sob a orientação dos militantes anarco-sindicalistas em diversos países. Suas metas tinham um alcance imenso e obede-

ciam a um profundo sentimento de solidariedade humana.

Em síntese prestou-se:

- 1.º — A divulgação de ideias revolucionárias e de combate;
- 4.º — Transformou-se em fonte de recursos financeiros para custear publicações de jornais e revistas operárias;
- 5.º — A praticar a Solidariedade Humana, auxiliando companheiros doentes, acidentados e presos, graças aos lucros da venda dos seus ingressos.

V

VIOLENCIA

Vinda de cima (da Polícia, do Exército e dos Governos) ou de baixo (dos explorados, dos oprimidos) é uma forma de comportamento dos fracos, um mal capaz de ferir pessoas, uma indignidade do Homem que afecta a Humanidade!

As características de que se reveste a violência nos dias de hoje deixa perplexa, apavorada, toda a gente. Ninguém sabe quando será atacado e de quem se deve defender: se dos desajustados sociais e políticos, ou se dos que ganham para defen-

der a sociedade em nome da lei e massacram elementos que integram esta mesma sociedade, obedientes aos princípios estabelecidos, estribados em razões próprias alegadas incompreensivelmente.

Ninguém mais confia em ninguém! Todos têm medo de todos e de cada um!

Desconfiar de tudo e de todos tornou-se uma obrigação, autodefesa, profilaxia pessoal, no instante em que a violência embriaga o homem e escapa ao controlo tecnológico, científico e jurídico, exactamente porque o delinquente em potencial é exclusivamente um produto, uma doença progressiva da sociedade em que vivemos.

A lei elaborada à imagem e semelhança de quem a faz e aprova contradiz todas as razões subjectivas do homem! É fria, insensível, brutal! Castiga doentes que necessitam de tratamento médico e realiza doentes que a aplicam! Serve para torturar e condenar à morte gente indefesa em nome de «razões» que cada governante pensa ter mais do que os seus semelhantes e por isso pode puni-los mandando matá-los!

A violência é um instrumento que se presta às reacções de todos os tipos de desajustados, expressa nas agressões às vezes «legalmente» impostas, massacrando pessoas isoladas!

É por demais infantil pensar-se que a tortura física, a prisão ou a morte, aplicadas em nome da

A morte por condenação é um acto violento em lei ou de rixas pessoais, sirvam para melhorar a sociedade ou «limpar a honra» das famílias!

O homem sofre e morre, mas a ideia vive, prolifera, alcança e contagia multidões, expande-se e sacode a Humanidade! sua arbitrariedade inegável, que pode satisfazer ao criminoso, «limpar a honra» dos governantes, mas

que nunca servirá em tempo algum para aperfeiçoar a sociedade!

Tão pouco, os castigos externos podem corrigir, melhorar o homem interiormente, psiquicamente!

A violência apresenta-se nas palavras, nos actos e atitudes, de pais e filhos, no comportamento dos soldados e generais, dos legisladores, do povo em geral. Está, portanto, contida na responsabilidade de todos nós. Progride no homem desde a sua formação embrionária até à sua morte.

O indivíduo sofre influências e condicionamentos automáticos dentro e fora do lar, na escola, nos locais de trabalho, e sem se aperceber dessa enfermidade contagiosa, vai transmitindo aos outros os males que carrega.

A luta do dia a dia pela sobrevivência aguça o desejo da supremacia no homem, mascara-o, predispondo-o à agressividade na luta diária, onde os menos audaciosos servem de escada para «vitoriosos» subirem, e, por isso mesmo, torna-se cada vez mais violenta. Nessa guerra de vida ou de morte, dentro de padrões irracionais, o homem para sobreviver renuncia ao direito de pensar, de agir livremente, e passa a aceitar a alienação, a robotização: vira massa! Deixa de ser um elemento pensante, para se transformar num número inexpressivo, graças ao poder da moderna comunicação audiovisual repetitiva, com vibrações sonoras, como se não bastassem já os milhares de letreiros, os rótulos, cartazes, emblemas, revistas de futilidades amorosas, histórias em quadrinhos publicadas e vendidas à sombra das leis, com a graça da religião, para o bem dos comerciantes e a desgraça do povo!

Isto é a massificação, é condicionamento, é a brutalização do homem e, por isso mesmo, uma das formas de violência!

A violência que serve para a auto-affirmação de jovens, serve também como elemento de protesto aos desajustados e aos doentes psíquicos, aos delinquentes em potencial nos diversos postos da hierarquia estatal.

Violência é o homem declarar guerra a homens que não conhece, que nunca lhe fizeram mal algum, em nome de homens a quem não consultou nem pediu opinião! Violência é usar da violência para combater na violência em nome da **Paz** e dos **Direitos Humanos!**

Violência é «deixar-se morrer diariamente em todo o mundo (segundo os dados da F. A. O.) 10 mil pessoas, de fome ou de doenças geradas pela desnutrição», quando ainda se estraga alimentos em quantidade suficiente para impedir esse crime, essa calamidade diária!

Violência, em última análise, é transformar a Terra em nações pobres e ricas e a Humanidade em exploradores e explorados! A família humana — irmãos — dividida por idiomas, religiões, classes, com o nome de **Povo**, em sociedades de desconfiados e inimigos!!!

UMA IDEIA ANARQUISTA

Pensar é um direito intransferível e inalienável do ser humano, e é baseado nessa premissa que certo filósofo preconizava viver numa sociedade de homens capazes de se auto-dirigirem, de se auto-governarem pela união das forças intelectuais, trabalhadores e criadores duma nova ordem social com liberdade.

A sua doutrina, catecismo do «imaginário paraíso», segundo a sua concepção, não aceitava o princípio do salariedade e da mais-valia. Tão pouco permitia a existência de trabalhadores e patrões, dirigentes e dirigidos, mandantes e mandados, senhores e escravos. Todos seriam auto-suficientes, produtores e consumidores, livres, iguais!...

Os princípios fundamentais, as ideias mestras do filósofo, sobre as quais construiria a nova sociedade, baseavam-se numa ordem generosa e positiva, com sentimentos e acções, de equilíbrio nos movimentos e atitudes, na harmonia que funde o homem e a natureza, que humaniza e forma personalidades rectas, caracteres e cidadãos justos, capazes de produzir e participar, dar e receber.

Era uma filosofia sem vínculos religiosos nem políticos, partia das permissas de renovação, libértárias e anti-dogmáticas. Para esse «sonhador», as ideias tinham que ser provadas, e a vida era o exemplo de uma lição no seu mais amplo e puro sentido. Não aceitava conceitos apriorísticos, e descrevia da infalibilidade. Para ele tudo era relativo. Sua fundamental razão doutrinária apoiava-se na liberdade com responsabilidade, conceito humanista de vida, feito pacto consciente à margem da tutela de qualquer espécie, partindo do indivíduo, da associação voluntária, para atingir a sociedade de auto-gestão, livre dos falsos intermediários. O filósofo aceitava a transformação bem acabada como fonte de sabedoria, manancial da bondade; a história pela importância de recolher e analisar as experiências vividas, e como guia admirável, a razão na busca da verdade.

O indivíduo era a base fundamental da sua sociedade! A convivência social e fraterna processava-se pelo livre-acordo, e a protecção recíproca, pelo apoio e ajuda mútua, veículo conservador e propulsor da espécie. A união das energias e o entendimento dos homens da comunidade, residia no esforço que garantia a sobrevivência, e que defendia os direitos de cada indivíduo em participar, e da sociedade em geral.

A ideia mestra da «Nova Sociedade», partia da natureza, princípio e fim de todas as coisas, substanciada pela liberdade, pelo livre acordo, verdadeira razão da vida. Segundo sua filosofia, o homem é um atleta sempre em luta por melhores dias no sentido evolutivo, e jamais deixará de ser, daí o não admitir a regressão por desejar sempre mais além da liberdade, a liberdade!...

Entendia que o ser humano é um ser sociável e como tal propende a unir-se, a associar-se, porque, só unido e associado, se sente seguro. O homem jamais desejou viver isolado, nem fora do seu mundo porque faz parte dele. E por ser um componente da sociedade, o indivíduo tende, fatalmente, a ser um associado da comunidade humana.

Sem deixar de ser um mundo de ideias «novas», humanitaristas, uma corrente científica, intelectual e ética, perfeitamente definidas doutrinariamente, a sociedade ou organização, isto é, a «Nova Sociedade» do filósofo, prevê uma nova concepção económico-social que estabelece a livre associação dos organismos naturais do trabalho. Suas tarefas quotidianas processar-se-iam por meio da cooperação voluntária, da responsabilidade individual e colectiva, isto é, por meio de uma coordenação e administração do esforço manual e intelectual objectivando produzir com o máximo da perfeição e da beleza.

Propõe-se o nosso filósofo restabelecer a felicidade dos povos, instaurando uma Federação de Comunidades Livres, unidas por interesses sociais, económicos, artísticos e culturais, sempre resolvidos mediante acordos mútuos, sem imposições nem intenções dominantes. O livre contrato, a tolerância recíproca e o desejo de auto-gestão, seriam princípios e finalidades convertidas em táticas de luta pela conquista das riquezas naturais e da produção que o trabalho livre proporcionaria. E as riquezas resultantes desse esforço conjunto, colectivo, de produtores, seria posta à disposição da nova sociedade, isto é, dos seus mutuários que distribuiriam a cada um dos seus membros e segundo as suas necessidades.

Em cada fase da nova comunidade, para o futuro progressivo resultante dos periódicos acordos mútuos, o filósofo apunha que «tudo dependia da capacidade e da visão dos seus componentes unidos num ideal universalista!»

Sem riquezas nem patrimónios individuais, a comunidade não permitiria que em nome do maior saber ou da esperteza, nem mesmo de organismos do trabalho livre e federado, pudesse um dos seus membros explorar outro. A sociedade cuidaria destes problemas como da saúde dos mutualistas, para garantir o princípio racional da igualdade de direitos e de idênticos propósitos de deveres de todos e de cada um.

Em síntese: não seria um sistema perfeito, já que por princípio rechaçava todos os esquemas e conceitos de carácter absoluto, mas seria a doutrina constante do aperfeiçoamento. Não teria uma meta definitiva, porque percebia a variedade da natureza, a necessidade do progresso, do aprimoramento em todos os campos do conhecimento humano e da busca de novas formas de vida. Mas era uma permanente perspectiva aberta dia-a-dia, ao viver humano. Sem formas dogmáticas, sujeita a liberdade não tinha o sabor do abstracto, mas do zação social só podem ser transitórias, porque tudo é mutável, menos a vida, que se transmite de gerações para gerações. Evoluir até alcançar um estágio amplo, dentro da liberdade, da igualdade e do amor fraterno, era a sua obsessão. Para o filósofo a liberdade não tinha o sabor do abstrato, mas do concreto, que permitia o desenvolvimento da capacidade na criatura humana, que fomenta e desperta a grandeza dos sentimentos de solidariedade entre os povos, que modela o carácter e cultiva o amor ao próximo como a si mesmo! Só a liberdade, se-

gundo a sua concepção ideológica, movimentava os homens no sentido de buscar belos e harmoniosos estágios de justiça social, porque liberdade era a alma, era a luz da sua ideia.

Rio de Janeiro, Maio de 1975.

EDGAR RODRIGUES